

# EDUCAÇÃO PATRIMONIAL



Fundação Casa da Cultura de Marabá

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL



SERRA LESTE

CAMINHOS E REFLEXÕES  
PARA A SALA DE AULA



DISTRIBUIÇÃO  
VENDA PROIBIDA  
GRATUITA

LIVRO DO PROFESSOR

# EDUCAÇÃO PATRIMONIAL:

CAMINHOS E REFLEXÕES PARA A SALA DE AULA

LIVRO DO PROFESSOR

REALIZAÇÃO:



Fundação Casa da Cultura de Marabá

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL



SERRA LESTE





Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) –

---

Livro do Professor: Educação Patrimonial: caminhos e reflexões para a sala de aula / Coordenação Mariana Sampaio; colaboração de: Ramon Cabral, Randy Rodrigues, Thiago Quaresma. – Marabá (PA): Fundação Casa da Cultura de Marabá, 2016. 112 p.: il.; 21 cm.

Produto do Programa de Educação Patrimonial do Projeto Serra Leste.

ISBN 978-85-67664-02-6

1. Patrimônio cultural – Marabá (PA). 2. Patrimônio cultural – Estudo e ensino. I. Sampaio, Mariana, coord. II. Cabral, Ramon, colab. III. Rodrigues, Randy, colab. IV. Quaresma, Thiago, colab.

CDD: 22. ed.363.69098115

---



# EDUCAÇÃO PATRIMONIAL:

CAMINHOS E REFLEXÕES PARA A SALA DE AULA

LIVRO DO PROFESSOR

REALIZAÇÃO  
Fundação Casa da Cultura de Marabá

FUNDAÇÃO CASA DA CULTURA DE MARABÁ-FCCM  
PRESIDENTE  
Vanda Régia Américo

ADMINISTRATIVO FCCM  
Ângela Patrícia Almeida

ARQUEÓLOGO GESTOR  
Marlon Prado

EQUIPE DO PROGRAMA DE  
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL DO PROJETO SERRA LESTE  
Coordenação: Mariana Sampaio  
Cátia Weirich  
Ramon Cabral  
Randy Rodrigues  
Thiago Quaresma

NÚCLEO EDITORIAL  
COORDENAÇÃO  
Mariana Sampaio

CRIAÇÃO E EDIÇÃO DE CONTEÚDO  
Mariana Sampaio, Ramon Cabral,  
Randy Rodrigues, Thiago Quaresma

PROJETO GRÁFICO  
Amaury Aquino

IMAGENS  
Arquivo Fotográfico Miguel Pereira/ FCCM  
Acervo Pessoal Mariana Sampaio

TRATAMENTO DE IMAGENS  
Ricardo Borges

REVISÃO  
Léa Fernandes

IMPRESSÃO  
Marques Editora

APOIO



# SUMÁRIO

<b>1. Apresentando o Programa de Educação Patrimonial Serra Leste</b>	<b>07</b>
<b>2. Carta ao Professor</b>	<b>10</b>
<b>3. Educação Patrimonial, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional</b> (LDB – Lei 9394/1996) e Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)	<b>13</b>
<b>4. A importância da Educação Patrimonial na Escola:</b> alguns temas para reflexão	<b>17</b>
<b>5. Conceitos e sugestões de atividades para aplicar a Educação Patrimonial em sala de aula</b>	<b>23</b>
<b>5.1. Cultura, Diversidade Cultural, Memória e Patrimônio Cultural:</b> questões que nos dizem respeito	<b>23</b>
Atividade 1- Quem sou eu? Quem somos nós?	<b>29</b>
Atividade 2 - Projeto de pesquisa: diversos povos, diferentes culturas.	<b>34</b>
<b>5.2. Arqueologia:</b> a ciência que interpreta os povos a partir de seus objetos	<b>41</b>
Atividade 3 - Trabalho Arqueológico: quem são os detetives do passado?	<b>48</b>
Atividade 4 - Passado e Presente: objetos e tecnologias que ajudaram a construir o mundo em que vivemos	<b>55</b>
Atividade 5 - O que os objetos de hoje podem contar para os arqueólogos do futuro?	<b>66</b>
<b>5.3. Pré-história e História do Lugar:</b> passado, presente, memória e patrimônio	<b>73</b>
Atividade 6 - Modos de vida na pré-história	<b>84</b>
Atividade 7 - Garimpando memórias e produzindo linhas do tempo	<b>90</b>
Atividade 8 - Minha Cidade, Meu Lugar	<b>98</b>
<b>6. Considerações Finais</b>	<b>104</b>
<b>7. Referências Bibliográficas</b>	<b>106</b>



PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL



SERRA LESTE

# 1.

## APRESENTANDO O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL SERRA LESTE

O objetivo maior de um Programa de Educação Patrimonial é a valorização do Patrimônio Cultural de um povo, ou seja, o conjunto das referências culturais mais importantes para representá-lo, por isso, compreender esse conjunto de referências culturais, que representa marcos de identidade, implica a premissa da escuta dos sujeitos sociais para os quais tais referências fazem sentido.

Logo, Educação Patrimonial está associada à construção de processos pedagógicos que possam estreitar os vínculos de afeto existentes entre as comunidades e seu Patrimônio Cultural. Assim, garantir esses vínculos, principalmente com os mais novos, amplia as chances de preservação, iniciando ou fortalecendo processos de apropriação e valorização desse legado.

Nesse contexto, o Programa de Educação Patrimonial Serra Leste, por meio de parceria entre a Vale e Fundação Casa da Cultura de Marabá, foi realizado na localidade de Serra Pelada e na cidade de Curionópolis, Sudeste do Pará, e teve como objetivo a valorização da **História, Memória e Referências Culturais** dos moradores das localidades. Realizado em duas etapas, sendo a primeira entre julho e dezembro de 2013, com o propósito de construir um panorama das dinâmicas culturais do município, observando, nos moradores da região, processos migratórios (de onde e como vieram, o que procuravam, quando chegaram), formas de viver (ofícios, saberes e fazeres, formas de sociabilidade, religiosidade, lazer), compreensões elaboradas sobre a realidade em que vivem e, por fim, os processos de atribuição de valor simbólico às manifestações da cultura local, aspirações e frustrações.

Também foram ouvidas as demandas dos grupos para assim propor ações de forma pactuada, já que é importante não perder de vista que, na metodologia de projeto pactuado, o público-alvo é ouvido para a concepção das ações, sendo um fator para potencializar os resultados afirmativos e o empoderamento do projeto por seu público, pois somente a partir desse contato inicial com os moradores, e da confiança estabelecida entre equipe e comunidade, é possível obter parâmetros para a implementação do Programa.

A etapa II foi realizada de outubro de 2015 a julho de 2016 e teve como objetivo planejar, implementar, avaliar e relatar, de forma detalhada, as ações educativas para a valorização do patrimônio cultural da região, realizadas com o público escolar (professores, alunos e pais de alunos) nas localidades contempladas pelo Programa.

Todas as atividades foram planejadas a partir dos objetivos a serem alcançados, sendo que, ao final de cada atividade, foram construídos relatórios analíticos com o propósito de avaliar em que medida os objetivos foram alcançados.

Dessa forma, o resultado das ações planejadas passou por etapas avaliativas, em razão da intervenção na realidade dessas comunidades. Foi levado em conta que tais intervenções terão impacto sobre as formas de pensar e agir do público em relação aos temas trabalhados.

Nesse contexto, a metodologia para realização das ações educativas do Programa de Educação Patrimonial Serra Leste foi planejada em três módulos: no módulo I, foram propostas reflexões acerca das noções de Cultura, Diversidade Cultural, Memória, Identidade e Patrimônio Cultural.

Nesse primeiro módulo buscou-se refletir junto ao público sobre as diferentes formas que os grupos humanos constroem e compartilham símbolos e sentidos sobre o mundo em que vivem, elaborando suas visões de mundo e práticas culturais. Essas diversas formas de existir e interagir com a natureza constituem a diversidade cultural da humanidade, em que a possibilidade de acesso às experiências de diferentes culturas pode ser entendida como uma das maiores riquezas humanas.

Ainda no módulo I abordou-se a ideia de Memória, Identidade e Patrimônio Cultural, a primeira entendida como o processo de lembrar e esquecer operado pela mente humana, selecionando recortes relevantes para pensar a história das coletividades, mas também associada às relações de tensão entre diferentes grupos sociais que buscam legitimar sua memória em detrimento de outras nos processos de construção histórica. Assim, o entendimento de Patrimônio Cultural também é associado a essa disputa por representação de memória e identidade, refletindo quais práticas culturais (danças, celebrações etc.) ou objetos (igrejas, obras de arte etc.) devem ser valorizados enquanto representação da identidade de um grupo.

Já no módulo II, o tema das ações com o público foi a Arqueologia, tendo como objetivo refletir sobre a importância de quem eram e como viviam os povos do passado e qual o legado que herdamos desses povos, partindo da premissa de que a compreensão e valorização das pessoas que habitam o lugar no

presente faz com que se alcance a valorização das populações que ali viveram no passado, que deixaram na área vestígios que hoje são entendidos como patrimônio arqueológico.

Outra questão discutida foi apresentar a Arqueologia enquanto ciência que interpreta as dinâmicas culturais dos povos a partir da cultura material a eles relacionada, apresentando seus métodos de trabalho e contribuições para as sociedades contemporâneas.

No módulo III, a temática das ações girou em torno dos temas ligados à História e Pré-história do Lugar, com especial atenção para o contexto da região onde o Programa de Educação Patrimonial atua.

Por isso, foram feitas discussões sobre as formas de viver dos povos “ágrafos” (que ainda não tinham desenvolvido a escrita, mas que deixaram outros vestígios da sua história, como pinturas rupestres e objetos de uso cotidiano: pedras lascadas, pedras polidas etc.). Contudo, a ênfase nessa terceira etapa foi a história das localidades, refletindo seus processos de ocupação, ciclos econômicos, modos de vida e referências culturais. O objetivo do módulo foi provocar no público reflexões acerca do papel desses sujeitos sociais na construção da história local e regional, assim como refletir sobre as populações que habitaram a região ao longo de um passado recente e distante.

Nesse contexto, o Programa de Educação Patrimonial Serra Leste realizou ações de reflexão e valorização dos marcos que constituem representações da cultura e identidade dessa região marcada pela migração intensa e multiculturalidade, principalmente a partir do início da década de 1980, com o início da atividade garimpeira em Serra Pelada, portanto, realizar Educação Patrimonial na região Sudeste do Pará implica em construir atividades pedagógicas que façam as populações refletirem sobre os processos de ocupação das suas localidades, as histórias que ali se sucederam e a produção de cultura do lugar.

Por isso, caro professor, encerra-se a apresentação do Programa de Educação Patrimonial Serra Leste revelando que a meta, a longo prazo, consiste em provocar no público a compreensão do papel de cada um dos moradores na produção da cultura e da história local, a prática da tolerância e o respeito à cultura do outro, e ainda, a consciência de que todas as pessoas, com suas diferentes culturas e histórias de vida, são importantes por serem únicas.

Para que as mudanças esperadas a médio e longo prazo se concretizem, a atuação efetiva do professor é primordial, pois eles são os atores principais do processo de divulgação das questões que envolvem a valorização da História, Memória, Cultura e Patrimônio Cultural das localidades contempladas pelo Programa de Educação Patrimonial Serra Leste.



## 2.

## CARTA AO PROFESSOR

*Caro Professor,*

*Visando dar continuidade às reflexões realizadas ao longo do Programa de Educação Patrimonial Serra Leste, este livro constitui um instrumento que possa contribuir para a discussão dos temas ligados à Cultura, História e Memória nos processos de ensino e aprendizagem em sala de aula. Nessa perspectiva, o papel do professor se torna imprescindível, já que vocês ficarão responsáveis por inserir os temas fundamentais que regem a Educação Patrimonial nas áreas do conhecimento presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais.*

*Para garantir que os objetivos desta publicação fossem plenamente alcançados, inicialmente, foram elaborados textos que possam introduzir os temas abordados pelo Programa de Educação Patrimonial no ambiente escolar. Tal aporte teórico possibilitará aos professores que aprofundem seus conhecimentos dando plenas condições para desenvolver com seus alunos, um trabalho consistente no que se refere à Educação Patrimonial.*

*Professor, as sugestões apresentadas nesta publicação foram carinhosamente construídas a partir da troca de experiências entre os membros da equipe do Programa de Educação Patrimonial Serra Leste e vocês. Assim, este documento busca atender suas expectativas quanto à necessidade de um banco de atividades para serem realizadas em sala de aula, em que os textos e dinâmicas sugeridas pretendem inspirar o docente a se sentir à vontade em manipular esta ferramenta de apoio que agora está em suas mãos.*



*O respeito ao Patrimônio Cultural local e às pessoas que partilham dessa realidade, com especial atenção à comunidade escolar, foi o eixo norteador deste livro. Com base na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96), que em seu art. 26 enfatiza a diversificação dos currículos do ensino básico, ressaltando as características regionais e locais da cultura que compõem o nosso país, buscou-se aproximar o Patrimônio Cultural ao conjunto de conceitos e ideias presentes nesta publicação, facilitando a construção de uma proposta de ensino voltada para o conhecimento e valorização do Patrimônio Cultural de Curionópolis e Serra Pelada.*

*Com as propostas contidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que buscam consolidar a interdisciplinaridade na educação mediante a introdução dos chamados Temas Transversais, se pôde organizar nossas atividades de forma que as diferentes áreas do saber possam dialogar de maneira harmoniosa. Sendo assim, as questões ligadas ao Patrimônio Cultural serão discutidas e revisitadas a todo o momento no ambiente de sala de aula.*

*Esperamos que esta ferramenta de apoio às discussões dos temas relacionados ao Patrimônio Cultural possa ser proveitosa para toda comunidade. E que o professor se aproprie do seu livro e construa com seus alunos uma realidade onde o respeito à diversidade cultural, à memória e o patrimônio cultural sejam de fato valorizados.*

**Aproveite o livro, ele é seu!**

*Com o carinho da equipe do Programa de Educação Patrimonial Serra Leste.*



A Contação de História pode ser um recurso didático pedagógico para discutir os temas da Educação Patrimonial a partir de referências culturais locais.



# 3.

## EDUCAÇÃO PATRIMONIAL, LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL E PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

Quando os temas Cultura e Patrimônio Cultural passam para a esfera da educação formal nas escolas, inevitavelmente enveredam pelos caminhos da Educação Patrimonial. Nesse sentido, é preciso atentar para as políticas públicas que buscam a preservação (ou salvaguarda) do patrimônio cultural, o que implica conhecer a atuação das instituições públicas (municipal, estadual e federal) responsáveis pela salvaguarda deste tipo de patrimônio, observando principalmente as ações voltadas para a manutenção de práticas e saberes que assegurem a perpetuação dos bens culturais materiais e imateriais na sociedade local.

No momento em que transferimos nossas reflexões para o campo da Educação Patrimonial, notamos certa angústia por parte dos professores, pois eles lidam com várias dificuldades no cotidiano da sala de aula, dentre elas, refletir sobre alguns conceitos à luz da interdisciplinaridade. A primeira dificuldade surge ao tentar encontrar um espaço formal nos processos de ensino e aprendizagem acerca do Patrimônio Cultural.

Como já citado anteriormente, a busca do entendimento sobre Cultura e suas conexões transversais, apesar de apresentar considerável complexidade, torna-se mais simples a partir do momento que o professor passa a valorizar o processo de construção da cultura do lugar em sintonia com a dinâmica das transformações ocorridas no tempo e no espaço, aproximando a discussão ao cotidiano e história de vida do aluno. A discussão de temas tão subjetivos como Cultura, Diversidade Cultural e Identidade aliada as narrativas elaboradas pelos professores, servirá de aporte para um diálogo ancorado na realidade local.

Situar o papel da Educação Patrimonial dentro do cotidiano da sala de aula se revela um desafio. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96), no seu art. 26, enfatiza que a diversificação dos currículos do ensino básico deve observar as características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela, o que abre espaço para a construção de uma proposta de ensino voltada para a divulgação do repertório cultural dos estados e municípios.

A discussão sobre as questões relacionadas à Cultura e à Educação Patrimonial inseridas na educação formal vem se desdobrando ao longo do tempo. Atualmente, as perspectivas se ampliam e obedecem



ao direcionamento que aponta para a integração de áreas de saberes distintos as quais dialogam e se completam, como Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Ciências, Artes, entre outras.

Tal integração pode ser percebida de forma mais clara com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), os quais defendem a interdisciplinaridade na educação, mediante a introdução dos chamados Temas Transversais, que deverão perpassar todas as disciplinas escolares, sendo possível elencar de imediato, pelo menos, duas temáticas que possibilitam a reflexão sobre o Patrimônio Cultural e, por conseguinte, trabalhar com os alunos propostas didático-pedagógicas nas quais a Educação Patrimonial seja o eixo norteador, são eles: **o Meio Ambiente e a Pluralidade Cultural**.

Por outro lado, se for possível motivar os alunos a pensarem sobre a cultura e sua relação estreita com as transformações no espaço e no tempo, será um avanço significativo no processo de valorização da identidade e cidadania, mas para isso, deve-se respeitar os valores individuais, iniciando a discussão a partir do que é comum para as crianças e jovens, ou seja, próprio do mundo ao seu entorno, para em um segundo momento aprofundar os assuntos naturalmente.

Assim, refletir sobre o processo que nos leva a ser quem somos, seja enquanto indivíduo ou coletividade, implica no exercício de se pensar o quanto estamos inseridos em um processo de tempo e de espaço, observando permanências e rupturas.

A consolidação dos temas transversais ligados à Educação Patrimonial, depende da maneira como os assuntos são abordados com os alunos e por essa razão, a preocupação de que as atividades sejam atraentes se manifesta por meio do caráter lúdico. Contudo, não basta apenas se utilizar da ludicidade na discussão dos referidos assuntos, precisa-se operacionalizar os conceitos de maneira que o diálogo entre as diferentes áreas do saber se façam presentes.

O desafio que se apresenta para o educador que se propõe a trabalhar Educação Patrimonial em sala de aula é refletir que a noção de Cultura é um instrumento de afirmação da cidadania e fenômeno que reflete a maioria dos aspectos identitários de uma comunidade.

Nessa perspectiva, encerrar a discussão sobre Cultura em conceitos fechados é um erro que acaba por afastar nossas crianças de assuntos fundamentais no seu processo de formação. Por essa razão, convém adotar uma postura sensível à realidade que nos cerca, tomando em consideração os aspectos individuais de cada aluno e sua relação com o grupo, sendo assim, se pode não só desenvolver a reflexão das questões ligadas à Memória, Cultura e História do lugar, mas também estender a discussão para os temas transversais relacionados à Educação Patrimonial.



Para o Programa de Educação Patrimonial Serra Leste foram produzidos alguns kits de objetos.

Tais objetos foram selecionados por seu potencial pedagógico no sentido de estimular a construção de narrativas. O caráter lúdico dessa ação proporciona aos alunos a conexão com o mundo. Objetos são conectados aos contextos de sua produção.





# 4.

## A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NA ESCOLA: ALGUNS TEMAS PARA REFLEXÃO

### CULTURA E DIVERSIDADE CULTURAL

Quando nos propomos a refletir sobre a noção de **Cultura** e sua relação com o lugar onde vivemos, nos deparamos com uma série de dificuldades relacionadas às questões que, apesar de estarem em nosso cotidiano, muitas vezes passam despercebidas quanto a sua importância.

A indiferença em parar para refletir sobre o processo que nos leva a ser quem somos, seja enquanto indivíduo ou coletividade, é o primeiro dos obstáculos. Quando refletimos sobre questões associadas a nossa História e a nossa Cultura, temos a inclinação de construir uma definição final, ou seja, encerrar estes fenômenos dentro de conceitos fechados.

Talvez as redes sociais, as músicas mais tocadas ou as últimas novidades do mundo da moda nos despertem mais interesse. Tudo bem! Essas práticas também são Cultura. Sendo assim, **para iniciarmos com os nossos alunos as reflexões sobre Cultura, propomos a aproximação das manifestações da nossa Cultura que mais nos identificamos**, e nessa busca, procurar compreender a razão de nossos semelhantes também se identificarem e encontrarem sentido nessas manifestações.

A cultura de um grupo, ou melhor, das sociedades em geral, sempre parte de compreensões de mundo específicas, que desenham processos de mobilização dos grupos para realização de práticas cotidianas, rituais, encenações, saberes e fazeres, agregando coletividades de acordo com suas crenças ou afinidades.

**Outro ponto de partida para iniciarmos nossas reflexões sobre Cultura em sala de aula é partir do pressuposto que ela é tudo aquilo que não nasce com a gente, mas que aprendemos ao longo de nossas vidas.** Desde o nosso nascimento, por exemplo, aprendemos os costumes do nosso povo, do nosso lugar, aprendemos nossa língua e passamos a entender o mundo de acordo com as crenças do grupo onde



nascemos, por isso, aprendemos ofícios, construímos nossas casas e cidades, preparamos as comidas que nossos pais nos ensinaram.

Porém, os lugares são diferentes: existem lugares frios onde as pessoas constroem casas com blocos de gelo e usam roupas de pele; existem lugares quentes, onde as pessoas precisam sobreviver em desertos, com pouca água. Assim, em cada lugar os seres humanos precisam elaborar estratégias específicas para sobreviver, desenvolvendo diferentes técnicas de construção de casas, diferentes maneiras de confeccionar suas roupas, uma diversidade de comidas, diferentes crenças em relação ao divino e à origem da vida, e a todas essas diferentes formas de viver, chamamos de **Diversidade Cultural**.

Logo, cada grupo, em cada lugar do mundo, constrói sua própria rede de sentidos e significados para tudo que os cerca, como quando falamos em bateia, melechete e boroça, as pessoas que tem alguma relação com o garimpo vão facilmente entender o sentido dessas palavras, mas quem nunca teve contato com o garimpo? Vai entender tais palavras? Sendo assim, podemos falar em cultura do garimpo? Sim, podemos, pois existe uma rede de saberes, sentidos e significados para as coisas e costumes do garimpo.

## **PATRIMÔNIO CULTURAL E IDENTIDADE**

Na complexa teia de sentidos que atribuímos ao mundo a partir da nossa cultura, existem algumas manifestações que melhor nos representam e nos traduzem, por isso dizem respeito a nossa identidade. A partir de tais manifestações, um recorte importante da História e Memória dos grupos pode ser explicado, nos levando a refletir o que cada manifestação reconhecida enquanto Patrimônio Cultural conta sobre seus detentores.

Sendo assim, Patrimônio Cultural de um grupo é uma expressão da Cultura portadora de sentidos de História, Memória, Identidade e Ancestralidade que fazem sentido a este grupo. São os grupos detentores dessas expressões culturais, que a partir de processos de atribuição de valor simbólico a estas expressões, as reconhecem como Patrimônio Cultural e, posteriormente, o poder público (municipal, estadual ou federal) os declara como tal.

O Patrimônio Cultural precisa ser assegurado para as gerações presentes, e perpetuado para as gerações futuras, como instrumento que pode colocar os sujeitos sociais em contato com sua história, principalmente no contexto de mudanças intensas em que vivemos. Nesse sentido, o Patrimônio Cultural constrói-se também enquanto potência reflexiva para os grupos sociais pensarem sua história, sua memória e sua identidade.

Portanto, podemos afirmar que nas regiões Sudeste e Sul do Pará, os saberes que envolvem o trabalho do homem do campo, as cavalgadas, o ofício do garimpeiro, entre outras práticas culturais podem traduzir a forma de viver do homem da região.

Especificamente em Serra Pelada, podemos falar sobre a Cultura do Garimpo, à medida em que reconhecemos os saberes, instrumentos e formas de organização envolvidos. Afinal, não é qualquer um que sabe onde encontrar ouro!

Ao procurarmos entender a complexa rede de significados construídos pelas culturas, podemos afirmar que o Patrimônio Cultural demanda escolhas que são realizadas pelos sujeitos sociais dentro de um amplo contexto. Por isso, não podemos perder de vista que diferentes grupos disputam o reconhecimento de suas manifestações culturais enquanto Patrimônio Cultural, logo, o reconhecimento de uma manifestação enquanto Patrimônio Cultural ocorre em um campo de disputas por representação, onde as heranças culturais que recebemos dos diferentes grupos que contribuíram para a formação do mosaico cultural que é o Brasil, podem ter maior ou menor representatividade nas políticas públicas que regem a Memória.


### **ARQUEOLOGIA: COMO O PASSADO NOS AJUDA A COMPREENDER QUEM SOMOS NÓS**

Considerando que o Programa de Educação Patrimonial Serra Leste está vinculado aos trabalhos de Arqueologia realizados pela Fundação Casa da Cultura de Marabá no município de Curionópolis, fez-se importante discutir o tema **Arqueologia, ou melhor, sobre a ciência que tenta responder, por meio de métodos de pesquisa específicos, inúmeras indagações que dizem respeito a nossa trajetória enquanto espécie (Homo Sapiens) que habita o planeta há, aproximadamente, 200 mil anos.**

Tal discussão mostrou-se de grande potencial para refletirmos, com os alunos e professores, temas, como as origens da raça humana e os diferentes processos que constroem a diversidade cultural do planeta. Também foram abordados os processos de migração num passado distante conhecido como Pré-História, quando a espécie humana precisou realizar longos deslocamentos pelo mundo procurando abrigo e alimento.

Mas será que essas eram as únicas necessidades daquele tempo?

A chegada do homem à América e à Amazônia, em várias levas e em várias épocas, cada grupo trazendo consigo sua cultura e suas diferentes formas de entender o mundo, também foram assuntos recorrentes durante as discussões.



Um dos temas transversais ligados à Educação Patrimonial é a Arqueologia. Apresentar aos alunos, objetos que remetam à épocas diferentes, os estimulam a pensar sobre o processo dinâmico de construção da nossa cultura material, que vai desde objetos simples, como machados de pedra polida até foguetes espaciais.



Portanto, é fundamental que o professor leve ao conhecimento do seu aluno a real dimensão do que a Arqueologia estuda e sua contribuição para o entendimento das sociedades do passado, posto que o passado nos ajuda a compreender o presente. Para isso, devemos nos apropriar das informações aqui contidas como ponto de partida para estimular nossas crianças a pensarem sobre o espaço e o tempo em que diversas culturas surgiram, se extinguíram e deram lugar a outras.

Para iniciarmos o diálogo sobre temas ligados à Arqueologia partimos dos objetos produzidos pelo homem no presente, problematizando que cada época tem suas tecnologias. Então os antigos moradores da Amazônia, antes mesmo dos portugueses chegarem por aqui, já tinham suas tecnologias para caçar, pescar e fazer toda a variedade de utensílios necessários à sobrevivência naquele período.

Na região de Carajás, por exemplo, datações confirmam a presença humana desde aproximadamente 11.245 A.P. (antes do presente), conforme as datações do Sítio Cupim, no município de Parauapebas. Muitos são os sítios arqueológicos na região amazônica, que por meio dos vestígios de povos do passado neles encontrados, revelam a complexidade das sociedades que se estabeleceram ao longo do processo de ocupação da Amazônia.

Portanto, objetos de pedra e de cerâmica estudados e interpretados pelos arqueólogos nos confirmam a diversidade e complexidade de técnicas de manufatura e compreensões de mundo desenvolvidas pelos povos que moravam na Amazônia antes da chegada dos europeus. Por isso, é importante refletir que a Arqueologia, com seus métodos de trabalho, interpreta os objetos deixados pelos povos do passado.

Assim, esclarecemos alguns possíveis equívocos presentes no entendimento dos alunos a respeito da área de atuação e contribuição da Arqueologia. Consequentemente, desconstruir aquela imagem idealizada do cinema, que coloca o arqueólogo, muitas vezes, como um aventureiro à procura de tesouros e dinossauros, pois, como sabemos, a tarefa de pesquisar esses animais extintos há milhares de anos fica a cargo da **Paleontologia**.

**Arqueologia:** É a ciência que interpreta o modo de vida de povos que viveram em um passado recente ou distante a partir da análise dos vestígios de sua cultura material.

**Paleontologia:** É a ciência que estuda a vida do passado da Terra e o seu desenvolvimento ao longo do tempo geológico, isto é, a formação dos fósseis e animais extintos, como os dinossauros.

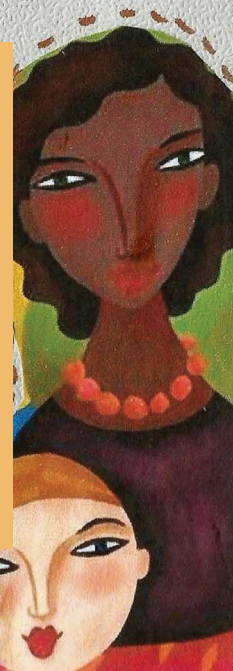


tailane,  
fredison.

# AS CULTURAS DO MUNDO



Oficina de fanzine: atividade oferecida às comunidades contempladas pelo Programa de Educação Patrimonial Serra Leste. Os técnicos do Programa, apresentaram temas ligados à Cultura e à Diversidade Cultural. A partir da troca de experiências, os participantes produziram vários materiais no formato revista.





# 5.

## CONCEITOS E SUGESTÕES DE ATIVIDADES PARA TRABALHAR A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL EM SALA DE AULA

### 5.1 CULTURA, DIVERSIDADE CULTURAL, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL: QUESTÕES QUE NOS DIZEM RESPEITO

Conforme dito no texto anterior, sugerimos que a discussão sobre o entendimento da noção de Cultura seja ancorada na relação que o aluno, nosso sujeito social, estabelece com o lugar onde vive ou viveu até recentemente, posto o contexto de migração intensa da região.

Para superar as primeiras dificuldades da abordagem, podemos partir do entendimento que Cultura é tudo aquilo que não nasce conosco, mas que aprendemos ao longo de nossa vida, já que, ainda nos primeiros meses de vida, aprendemos a comer, andar e pronunciar as primeiras palavras.

Nos anos seguintes, vamos aprender a língua de nossos pais, os costumes do lugar onde vivemos, vamos estabelecer algum tipo de relação com o divino e entendimentos acerca dos ciclos de nascimento e morte, precisaremos formar juízo de valor acerca do bem e do mal para orientar nossas atitudes perante os outros, tudo isso pautado em um conjunto de valores e normas específicas do grupo em que estamos inseridos, mas pouco paramos para pensar sobre todos esses processos que podemos chamar de Cultura.

É importante também refletirmos que assim como aprendemos a nossa cultura também a ensinamos, portanto, cada povo perpetua sua cultura, ensinando aos mais jovens, incorporando e desprezando práticas, criando novas tradições. Sim! A Cultura é dinâmica.

Foi Edward Tylor em 1871 o primeiro a tentar definir **Cultura** como, “**um todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade**”<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1986. p. 25.



Na Europa do século XIX, a ideia de Cultura estava associada aos hábitos da Aristocracia, enquanto que as demais manifestações da sociedade eram entendidas como folclore. Ao longo do século XX, autores da Antropologia em diferentes escolas de pensamento avançaram em contribuições que buscaram refletir o que seria esse fenômeno tão complexo.

Clifford Geertz, por exemplo, traz o entendimento de Cultura enquanto “teia de significados”, “Acreditando, como Marx Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias”<sup>2</sup>.

Para o autor, Cultura é formada por construções simbólicas e o significado de cada manifestação só é entendido por quem partilha os mesmos símbolos, sendo assim, as manifestações de cada cultura só podem ser entendidas por quem está nela imerso. Geertz mostra que grande parte dos conflitos ocorre por causa da heterogeneidade cultural, que gera interpretações e percepções conflitantes sobre o mundo em questão.

Então se cada povo perpetua sua cultura e sua visão de mundo, temos no planeta a ocorrência de uma diversidade de povos e culturas. Essa **Diversidade Cultural**<sup>3</sup> refere-se à multiplicidade de formas pelas quais as culturas dos grupos e sociedades se expressam e essas formas de se expressar são transmitidas entre e dentro dos grupos e sociedades de diversos meios e tecnologias.

O entendimento da **Diversidade Cultural** está diretamente associado à relativização<sup>4</sup>, para que não julguemos a cultura do outro a partir de nossa própria cultura e visão de mundo, posto que cada uma existe em seu contexto e lógica específicos. É pautada ainda pelo respeito aos diferentes modos de vida das sociedades, em que cada cultura cria soluções próprias para lidar com as necessidades de sobrevivência, organização e bem-estar de sua sociedade. Logo, a Diversidade Cultural é um grande banco de soluções para situações práticas e simbólicas da vida, vital para a sobrevivência da humanidade.

Apesar de estarmos imersos em nossa cultura, muitas vezes, não paramos para problematizá-la, apenas

---

<sup>2</sup> GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. São Paulo: LTC, 2003. p. 39.

<sup>3</sup> Para saber mais: *Raça e História*, de Lévi-Strauss, texto que reflete sobre a diversidade cultural no mundo e o combate ao racismo, escrito a convite da UNESCO em 1952.

<sup>4</sup> No Relativismo, refletimos cada cultura em seu contexto, já a visão etnocêntrica é quando julgamos a cultura do outro a partir de nossa própria cultura.

a vivemos naturalmente, mas é necessário levar essa reflexão até os alunos para que eles se percebam enquanto sujeitos detentores de seus processos culturais, seres criativos, com potencial para criar o novo, incorporar ou desprezar o antigo.

Sobre esse movimento de lembrar e esquecer atribuído à **Memória**<sup>5</sup>, não podemos perder de vista que cada sociedade, a cada tempo, elabora narrativas sobre sua história, selecionando o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido.

Afinal, somos tudo aquilo que lembramos! Por isso, desde quando surgiu a escrita, sempre foi uma preocupação dos reis, imperadores e demais lideranças a produção de registros sobre seus feitos. Contudo, esse processo de seleção do que deve ser lembrado ocorre sempre num campo de conflitos, onde cada grupo almeja ter representação nas narrativas elaboradas pelo Estado, na história oficial contada em cada localidade.

Tratando-se da região do Sudeste do Pará, podemos refletir sobre como está sendo tratada a memória de fatos, como a Guerrilha do Araguaia e o massacre de Eldorado dos Carajás?

Ainda no século XIX, Sigmund Freud iniciou estudos em torno da memória humana e seu caráter seletivo, pois escolhemos o que queremos lembrar e o que vamos ocultar. Quando contamos nossas histórias de vida, selecionamos o que queremos que faça parte da nossa biografia. Sendo assim, nossas narrativas são recortes do que queremos que venha à tona e esse mesmo raciocínio vale para a memória coletiva, pois as sociedades elegem o que querem lembrar para que conste em sua história.

Para o indivíduo, a memória é um processo contínuo de construção, desconstrução e reconstrução de lembranças. Para uma coletividade, esse mesmo processo acontece, contudo, os grupos que estão no poder têm um controle para selecionar os momentos da história que lhe interessam, intervindo diretamente no processo de construção da memória coletiva.

De acordo com Le Goff (2006)<sup>6</sup>, a memória é uma construção social e está inserida em jogos de poder que buscam legitimar as narrativas e identidades de determinados grupos sociais que detêm o domínio em

---

<sup>5</sup> Para saber mais: *História e Memória*, de Jacques Le Goff, e *A Memória coletiva*, de Maurice Halbwachs.

<sup>6</sup> LE GOFF, Jacques. Em busca da Idade Média: Conversas com Jean-Maurice de Montremy. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

torno da produção social da informação. A memória, portanto, é uma obra coletiva e, por isso, heterogênea, pois é um instrumento de poder, de dominação, de servidão ou de libertação.

Importante ainda ressaltar que tanto a memória individual quanto a coletiva tem a propriedade de nos localizar em um tempo e um espaço. Assim, suportes de memória, como monumentos, documentos, fotografias são objetos portadores de informações que geram vínculos entre indivíduos e sociedades com sua História.

Após as discussões levantadas, podemos pensar o **Patrimônio Cultural** enquanto recortes, escolhas realizadas dentro do amplo e complexo campo da cultura de uma sociedade, que assim como a memória, também ocorre num campo de disputa de poder de representação.

Por isso, todos os grupos sociais devem ter assegurado seu direito de existir!

No Brasil, o primeiro entendimento da noção de Patrimônio Cultural está descrito no Decreto-Lei n. 25, de 1937:

*“Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional, o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da História do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico” (Decreto-Lei n. 25, Art. 1º).*

Percebemos que nesse momento, Patrimônio Cultural ainda era entendido como restrito aos bens de valor histórico ou artístico vinculados a fatos memoráveis da História do Brasil ou ao seu “excepcional valor”. Por isso, inicialmente era chamado de Patrimônio Histórico.

Já na Constituição de 1988, em seu artigo 216, a definição de Patrimônio Cultural já é apresentada de forma mais ampla:

*“Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I. As formas de expressão; II. Os modos de criar, fazer e viver; III. As criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV. As obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V. Os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico”.*

Já no final do século XX, podemos perceber a ampliação do conceito, em que o entendimento de patrimônio cultural de um município, estado ou do país deve representar a diversidade de seu povo e de suas manifestações. Em todo o Brasil, existem grupos sociais que vivem em áreas não urbanas, pescadores, agricultores, quilombolas, povos indígenas, entre outros, cujo patrimônio cultural é representado por saberes, cerimônias, paisagens e outras inúmeras formas de representação de suas identidades.

Por isso, a necessidade de ampliar o entendimento de Patrimônio Cultural, que não é apenas formado por monumentos, palácios, igrejas e obras de arte com valor de antiguidade, mas que representa a identidade de um país tão diverso como o nosso.

É importante ter em mente que Patrimônio Cultural são referências da identidade de uma sociedade, logo, são elas que declaram suas referências culturais<sup>7</sup> enquanto Patrimônio Cultural e o poder público apenas os reconhece.

Patrimônio Cultural é autodeclarado pelo grupo onde está inserido, por isso, também precisamos romper com classificações do tipo Patrimônio Cultural x Patrimônio Natural ou Patrimônio Material x Patrimônio Imaterial, e sim entendê-lo de forma integrada.

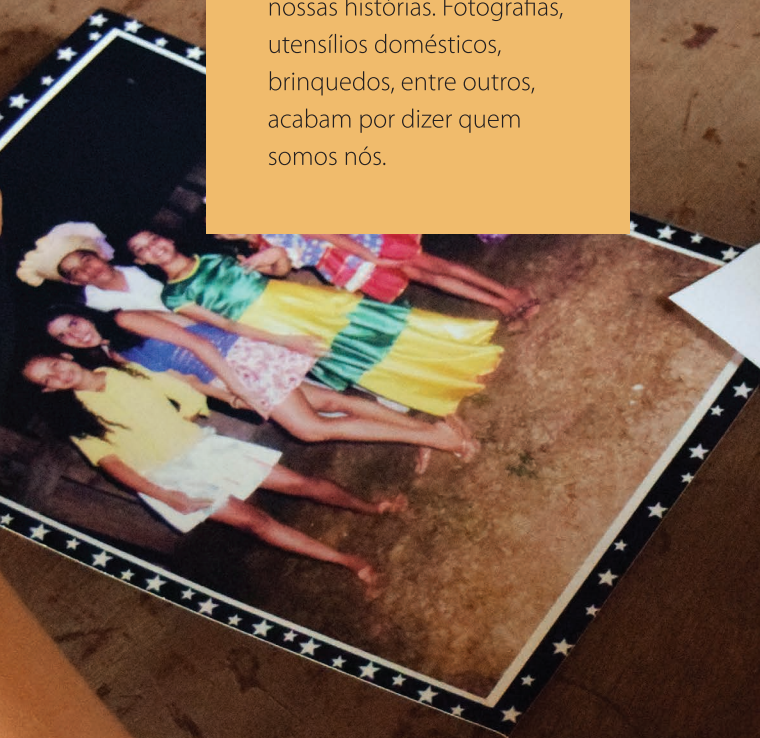
Por fim, ressaltamos que o importante é o entendimento das ideias aqui propostas, já que nosso objetivo não é buscar uma definição final, ou seja, encerrar estes fenômenos dentro de conceitos fechados.

---

<sup>7</sup> Quando falamos em Referências Culturais, pressupõem-se sujeitos sociais para os quais essas referências façam sentido (referências para quem?). Importante lembrar que por muito tempo foram as instituições de preservação do patrimônio cultural que decidiram o que teria ou não valor para ser declarado patrimônio cultural (valor para quem? representação de quem?).



Os objetos de memória são importantes para contar as nossas histórias. Fotografias, utensílios domésticos, brinquedos, entre outros, acabam por dizer quem somos nós.



Programa de Educação Patrimonial do Projeto Serra Lenta - Serra Palhada

FICHA DE DESCRIÇÃO DO OBJETO

Nome do objeto: *foto*

Formato: *Retratado*

Tamanho aproximado (altura, comprimento, largura):

Peso aproximado:

Material(s) dos quais é constituído:

Tipo de objeto (artesanato, industrialização):

Em que é ou era utilizado? (outra que serve?)

*O que há na foto?*

*Em que parte de casa provavelmente existia?*

*Quem há na foto?*

*Qual a idade?*

Nome do aluno: \_\_\_\_\_

Escola: \_\_\_\_\_

- Acho que não. Lixo é domínio público.
- Você tem razão. Através do lixo, o particular se integra com a sobra dos outros. O social. Será isso?
- Bom, aí você já está indo fundo demais no social.
- Ontem, no seu lixo...
- O quê?
- Me enganei, ou eram cascas de camarão?
- Acertou. Comprei uns camarões graúdos e...
- Eu adoro camarão.
- Descasquei, mas ainda não comi. Quem se...
- Jantar juntos?

balho.

# ATIVIDADE 1

## QUEM SOU EU? QUEM SOMOS NÓS?

*(PAINEL QUE CONTA A HISTÓRIA DE VIDA DOS ALUNOS  
E REVELA SUAS REFERÊNCIAS CULTURAIS)*

### Público-alvo

Alunos do 4º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

### Tema: Cultura

Atividade que procura estimular os alunos a contarem suas histórias de vida, revelando assim seu lugar na cultura em que estão inseridos.

A partir da construção espontânea de textos com histórias e desenhos, serão trabalhadas questões relativas à Identidade, Cultura e Diversidade, partindo das experiências pessoais para a construção de um painel coletivo que irá receber a produção textual dos alunos, destacando suas elaborações acerca de Identidade, Memória e inclusão no grupo ao qual pertencem, já que no momento da partilha de experiências, eles irão perceber semelhanças, como ocasionalmente a origem de seus pais, as brincadeiras que partilham, comida predileta, entre outros aspectos que serão pedidos de acordo com o questionário a ser solicitado pelo professor.

Dessa forma, o docente pode explorar os processos de construção de identidade em diálogo com os aspectos culturais eleitos pelo grupo dentro de um grande mosaico a ser construído em sala de aula.

### Objetivos

Propor aos alunos a reflexão acerca do papel da Cultura na formação da identidade e do patrimônio cultural do lugar onde vivem. Trabalhar com as crianças na compreensão dos traços identitários formadores da cultura local, a partir de aspectos que refletem na sua individualidade, para em seguida, percebermos as manifestações coletivas que distinguem as diferentes culturas no espaço e no tempo.



## Componentes curriculares envolvidos

Língua Portuguesa, Artes, História e Geografia.

## Recursos

Como trabalharemos com a elaboração de textos e desenhos, precisaremos de resmas de papel A4 para as fichas (é bom um papel mais encorpado, pois será usado na frente e verso), lápis, caneta, lápis de cor, caneta hidrocor, tesoura sem ponta.

Para o painel precisaremos de papel craft, cartolina, cola branca e régua.

## Metodologia

De posse das reflexões propostas pelo livro e dos estudos e pesquisas realizados no planejamento da aula, o professor deverá iniciar uma conversa com a turma sobre o aspecto primordial que nos diferencia dos outros seres vivos: temos a capacidade de transformar o meio em que vivemos usando nossas experiências adquiridas ao longo do tempo pela cultura em que estamos inseridos, ou seja, o homem é um ser cultural, e tal qualidade se afirma no grupo ao qual ele pertence.

Notamos o fenômeno de maneira muito clara quando nos voltamos para a diversidade cultural no mundo: as sociedades de diferentes épocas e lugares se diferenciam pela maneira como se relacionam com a natureza e com o divino, de fazer música, dança, comida, roupas, casas, rituais e uma série de aspectos que determinam a especificidade de cada grupo, e essas especificidades conferem a identidade dos grupos, tornando-os únicos.

Feita a conversa inicial, podemos solicitar aos alunos que construam um texto que atenda ao seguinte comando:



*Todos nós temos uma história para contar!*

*Nós queremos que você, nesta página em branco, nos fale o seu nome completo, data de nascimento, onde você nasceu, comida predileta, a brincadeira que você acha mais divertida (essa você pode desenhar), o que você quer ser quando crescer, e ainda pode contar um pouco sobre sua família!*

*Não se esqueça de desenhar o seu rosto no outro lado da página! Nós vamos montar em sala de aula um painel bem bonito com as histórias de cada um, para percebermos o quanto somos diferentes e, ao mesmo tempo, dividirmos muitas coisas em comum!*

Após a elaboração do texto, podemos pedir que a turma deposite suas fichas nos espaços reservados do painel, que deve conter o número exato de aberturas para que todos possam inserir suas fichas com o desenho do rosto voltado para a frente do painel.

Num segundo momento, podemos escolher alguns alunos para que façam as leituras de suas histórias. Nesta etapa será importante que o professor tenha a sensibilidade para destacar aspectos que revelem as questões a serem trabalhadas na atividade, como a identidade e o sentimento de pertencer à cultura local, isso fica mais claro quando os alunos escutam os relatos dos colegas e percebem que eles partilham dos mesmos interesses, que ocasionalmente seus pais têm a mesma origem, que gostam das mesmas comidas, entre outros, mas também relativizar as diferenças, buscando contextualizá-las.

A atividade é encerrada com uma conversa lembrando a todos, que somos reflexo das experiências que vivemos com o grupo e que o mundo é habitado por pessoas que se diferenciam e se aproximam umas das outras por meio da Cultura.



## Avaliação

Ocorrerá em todo o processo de desenvolvimento das atividades, portanto, é relevante observar alguns pontos:

- ✔ O nível de produção textual dos alunos a partir da observação das fichas solicitadas de acordo com o comando proposto.
- ✔ O nível de percepção dos alunos, das suas características culturais, assim como do coletivo ao seu entorno.
- ✔ Percepção dos alunos, do papel da Cultura na formação da identidade e do patrimônio cultural do lugar onde vivem.
- ✔ A expressão artística, por meio do desenho, dos traços identitários dos alunos.
- ✔ A percepção dos alunos acerca da sua história e da história do lugar ou como se enxergam a partir da sua integração nesse todo, que é a sua realidade.

## ATIVIDADE 2

PROJETO DE PESQUISA:

### **DIVERSOS POVOS, DIFERENTES CULTURAS**

Duração da atividade: 2 semanas

#### **Público-alvo**

Alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

#### **Tema:** Diversos povos, diferentes culturas

Além das reflexões sobre Cultura e Diversidade Cultural propostas pelo presente livro, sugerimos a leitura do livro *Muitas Maneiras de Viver (2008)*<sup>8</sup>, de Cosell Lenzi e Fanny Espírito Santo, esta leitura aborda reflexões acerca da diversidade cultural, sobre as diferenças entre as pessoas, seus hábitos e formas de aprender.

#### **Objetivos**

Elaborar e desenvolver um projeto de pesquisa; realizar pesquisas; elaborar ideias com percepções e análises da realidade; perceber e compreender a diversidade cultural existente no mundo; trabalhar em equipe.

---

<sup>8</sup> Professor, a leitura acima é somente uma sugestão de como se pode iniciar a abordagem de um tema com os alunos. Porém, você pode utilizar outras formas, que julgar mais adequadas ao perfil da sua turma, como recortes de jornais e revistas, livros que ilustrem e discutam as diferenças culturais entre povos do mundo, até mesmo lançar mão das próprias referências culturais dos seus alunos com a intenção de identificar junto com eles os diferentes modos de vida.

## Componentes curriculares envolvidos

Língua Portuguesa, Artes, História e Geografia.

## Recursos

Sites de busca na internet, livros, revistas, jornais, vídeos, entre outros.

## Metodologia

Inicie a conversa sobre o tema Diversidade Cultural com seus alunos, levando-os a refletir que cada sociedade tem sua forma de entender o mundo a partir da sua cultura.

Por exemplo, o modo de vida das pessoas da cidade é diferente do modo de vida das pessoas do campo em qualquer lugar do mundo, contudo, algumas práticas culturais são comuns para os dois grupos, então, podemos problematizar o que é igual e o que é diferente. Outro exemplo é perguntar se na turma existe alguém de outro estado, problematizando as diferenças entre lá e cá.

A partir dessa abordagem inicial, levante algumas reflexões com os alunos com a intenção de ativar seus conhecimentos prévios e afiná-los com a temática trabalhada: Que elementos culturais você conseguiu identificar? Possuem alguma semelhança com seus hábitos e costumes? Quais? Como, na sua cultura, as pessoas aprendem sobre as coisas do mundo (discutir a tradição oral e a escrita)? O que mais lhe chamou atenção sobre as culturas de outros povos? Por quê?

O segundo momento é motivar o grupo a realizar um projeto de pesquisa, explique que uma boa maneira de compreender questões que abarquem a diversidade cultural existente entre os povos é elaborando e desenvolvendo um projeto de pesquisa.

*Obs: As atividades referentes à elaboração e desenvolvimento do projeto de pesquisa devem ser realizadas em grupos, então, de acordo com o quantitativo de alunos que possui em sua turma, divida-os da maneira mais adequada.*



O terceiro momento é a elaboração do projeto de pesquisa que se divide nas seguintes etapas:

- **Tema** (O que pesquisar?)
- **Problema** (Qual pergunta eu quero responder com a pesquisa?)
- **Justificativa** (Por que pesquisar?)
- **Objetivos** (Onde se quer chegar?)
- **Metodologia** (Como chegar? Qual é o melhor caminho?)
- **Resultados** (Quais as respostas/descobertas?)
- **Avaliação** (Verificação de quais foram os aprendizados construídos)

• **Definição do tema:** auxilie seus alunos a reconhecerem o assunto a ser pesquisado. Explique que o tema é "Diversos povos, diferentes culturas".

É importante deixar claro para os alunos que para desenvolvermos uma pesquisa, a definição do tema é só o ponto de partida.

• **Delimitação da situação-problema:** auxilie seus alunos a definirem qual o questionamento/interesse central que motivou a pesquisa sobre o tema. Nessa sugestão de atividade a situação-problema pode ser: **como vivem os diversos povos com suas diferentes culturas e por que as culturas são diferentes?**

A partir da definição da situação-problema, podemos refletir com os alunos questões que orientem a investigação e análise dessa situação-problema: quais as línguas, saberes, instrumentos, práticas culturais utilizadas pelas sociedades que permitem identificá-las? De que maneira uma determinada manifestação cultural permite conhecer o modo de vida de uma sociedade?

• **Justificativa da pesquisa e seus objetivos:** refletir com os alunos sobre por que é importante identificar os elementos culturais de uma sociedade, isso os ajudará a olhar a diversidade cultural do mundo, permitindo assim a compreensão de que a diversidade cultural existe e que pode ser representada em diferentes maneiras por diferentes povos. Além disso, será possível reconhecer a existência de realidades, construídas a partir das variadas formas de viver do homem.



Na atividade proposta durante a realização do Programa, um dos recursos utilizados foi um banco de imagens impressas de diferentes povos. Mas podem ser usadas outras mídias, como aplicativos de celulares, músicas, vídeos etc.

- **Metodologia da pesquisa:** discutir com os alunos os procedimentos e métodos de pesquisa mais adequados para levantar e coletar fontes (pesquisa em livros, revistas etc.). As fontes são múltiplas e podem ser encontradas, também, no contexto social onde os discentes estão inseridos.

Explorar as fontes e refletir sobre a situação-problema da pesquisa por meio de atividades de leitura e discussão em grupo.

- **Resultados da pesquisa:** É importante que os alunos escrevam notas sobre suas descobertas ao longo de todo o processo da pesquisa, por meio de registros, como pequenos relatórios individuais e coletivos. Assim, esses registros podem ser consultados sempre que necessário.

*Obs: Professor, ao tratar sobre as etapas do projeto de pesquisa com seus alunos, tente abordá-las de maneira leve e com discurso acessível para melhor compreensão.*

O quarto momento é o desenvolvimento da pesquisa “Diversos Povos, Diferentes Culturas”, pois após elaborar o projeto, inicia-se o desenvolvimento de cada etapa da pesquisa, a partir da situação-problema: como vivem os diversos povos com suas diferentes culturas e por que as culturas são diferentes?

Para exemplificar como explorar essa questão, sugerimos ao professor que enriqueça/alimente as fontes coletadas pelos alunos com a apresentação de vídeos, documentários, leituras, reportagens de jornais impressos ou televisivos etc. em que a diversidade cultural é mostrada de acordo com os modos de vida de cada povo.

A partir disso, você pode realizar as seguintes perguntas para seus alunos: Que elementos culturais podem ser identificados? Que características culturais dos povos apresentados lhe chamou mais atenção? Quais as principais diferenças entre os povos percebidas por você? Que características culturais são semelhantes às suas? E onde elas se diferenciam das suas? Como são repassados os conhecimentos e tradições? Existe mais de uma forma de aprendê-los? O que podemos aprender com os povos que possuem formas de viver diferentes das nossas?

Auxilie os alunos a entender que cada lugar do nosso país, ou em qualquer parte do mundo, se pode encontrar culturas diferentes.

O último momento é a socialização da pesquisa e as considerações finais em que é preciso que se oriente os alunos sobre o significado das considerações finais de uma pesquisa.



Explique que nesta etapa, os grupos devem expressar o que concluíram desse processo e apontar para outras possibilidades de continuação dessa pesquisa.





Sugerimos como forma de socialização das pesquisas realizadas sobre diversidade cultural, que cada grupo desenvolva uma forma de exposição das diversas manifestações culturais dos diferentes povos do Brasil e do mundo.

Assim, a apresentação dos resultados de trabalho pode ser por mural, exposição de objetos (adereços, vestimentas, tipos de brinquedos etc.) que representem símbolos da cultura dos povos, mostra de culinária, mostra de dança, dramatização, música, entre outros.

A partir dos resultados apresentados pelos grupos, reforce a ideia de que uma observação atenta das culturas pode revelar o modo como as sociedades se organizam, desenvolvem suas atividades e como se relacionam com seus pares e com a natureza no seu entorno.

A percepção de uma cultura depende da intenção do observador, portanto, a exposição dos resultados de cada grupo de pesquisa varia de acordo com seu objetivo e sua relação com o que foi pesquisado.

## Avaliação

-  A avaliação ocorrerá em todo o processo e elaboração da pesquisa, considerando a participação, o desempenho e a colaboração dos alunos em cada atividade proposta.
-  Pesquisa: verificar a capacidade de reflexão dos alunos sobre o tema proposto.
-  Exposições: discutir com os alunos sobre o que mudou ou acrescentou em sua visão de mundo com relação aos conceitos abordados após a realização de cada atividade.
-  Trabalho em grupo: avaliar a capacidade dos discentes em desenvolver ambientes de aprendizagem colaborativos.



## 5.2 ARQUEOLOGIA: A CIÊNCIA QUE INTERPRETA OS POVOS A PARTIR DE SEUS OBJETOS

Conforme já dito, Arqueologia é a ciência que nos ajuda a compreender quem eram e como viviam os diversos povos que já ocuparam o mundo no passado. Esse aspecto é fundamental para que possamos trabalhar com os alunos a cultura de outras sociedades sob a perspectiva da Diversidade Cultural, em que não existe maior ou menor evolução, mas sim a diferença.

A Arqueologia utiliza métodos científicos específicos para obter suas conclusões, utilizando técnicas e ferramentas que vão desde simples picaretas até processos mais sofisticados, como o método de datação<sup>9</sup> por Carbono-14.

A partir da interpretação dos objetos deixados pelos povos do passado, a Arqueologia consegue construir narrativas sobre como viviam esses povos. Assim, a cultura material (objetos) encontrada nos sítios arqueológicos (locais com ocorrência de vestígios de povos do passado) é a principal fonte de informação para esta ciência.

Para entender como ocorrem as etapas do trabalho do arqueólogo, ver o quadro 1 das p. 44 e 45.

Para abordar o tema, podemos iniciar uma conversa com os alunos a partir de experiências concretas com resultados de pesquisas arqueológicas, isso acaba por se mostrar uma boa estratégia para que os conteúdos propostos alcancem o êxito desejado. Podemos, por exemplo, estimular a pesquisa a respeito de célebres trabalhos realizados por arqueólogos (Quadro 2, p. 46 e 47).

Descobertas da Arqueologia têm revelado que os povos que viveram em um passado distante eram detentores de conhecimento sobre Astronomia, técnicas sofisticadas de manufatura de objetos, habilidades para desenhar, profundo conhecimento da natureza e suas espécies, entre outros conhecimentos, desconstruindo, assim, a ideia equivocada de que o homem da Pré-história não era dotado de conhecimento.

---

<sup>9</sup> Datação - O Carbono 14 permite determinar a idade de certos artefatos arqueológicos de origem biológica com até 50 mil anos. Ele é usado para datar ossos, tecidos, madeira e fibras de plantas usadas em atividades humanas no passado relativamente recente. Outro método de datação, muito utilizado é a Termoluminescência, é utilizada quando é preciso determinar a idade de uma amostra que contenha pouco carbono, pois ela não leva em conta o desaparecimento do C<sup>14</sup> radioativo. Por este método, se pode datar objetos entre 1.000 e 500.000 anos, ultrapassando assim o alcance do método de datação pelo C<sup>14</sup>.



Ao considerarmos que, por muitos séculos, os europeus se colocaram como culturalmente superiores, valendo-se dessa prerrogativa para ter legitimidade de escravizar e colonizar outros povos, as descobertas da Arqueologia vêm iluminar o conhecimento acerca de outros povos, contribuindo para a construção de uma nova compreensão sobre a diversidade cultural dos povos que ocuparam o mundo ao longo do tempo.

Sendo assim, a Arqueologia pode discutir as seguintes ideias: a Diversidade Cultural a partir das descobertas arqueológicas; como os objetos podem contar histórias de quem os fez; as diferentes tecnologias aplicadas para obtenção de objetos ao longo do tempo; o tempo de durabilidade dos objetos; a desconstrução da ideia de que o homem que viveu em um passado distante não era detentor de conhecimento, entre outros assuntos.

A Arqueologia também pode ser pensada a partir da paisagem, posto que o homem, ao longo de sua existência, modificou os lugares por onde passou. Sendo assim, as paisagens vêm sendo transformadas pelo homem desde o seu surgimento na Terra: florestas foram manejadas, lagos foram aterrados, plantas foram selecionadas, pequenas vilas transformaram-se em grandes cidades.

Acreditamos que os processos de ensino e aprendizagem não se completam sem que haja descobertas. Como a ciência arqueológica é vocacionada para descobertas, então podemos transformar nossa sala de aula num local propício às pesquisas, onde os alunos possam interpretar objetos de outras culturas.



Vestígios arqueológicos de diferentes épocas.

Acima, fragmento de louça.

Abaixo, pontas de flecha confeccionadas a partir do lascamento de rocha.





Na oficina “Etapas do Trabalho Arqueológico”, a sala de aula foi transformada num “Sítio Arqueológico”. Na simulação, os participantes foram estimulados a procurar objetos que imitavam os fragmentos encontrados pelos arqueólogos em campo.

## ETAPAS DO TRABALHO ARQUEOLÓGICO

A Arqueologia tem feito importantes descobertas sobre nossos ancestrais no Brasil e no mundo. Na região de Carajás não é diferente. Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos no Sul e Sudeste paraense têm nos permitido conhecer um pouco sobre quem foram os antigos habitantes da região: sua forma de organização, tamanho dos grupos, dieta alimentar, ferramentas utilizadas etc., e assim saber quem foram os nossos ancestrais e quem somos.

A construção de hidroelétricas, minas, estradas e linhas de energia, tem possibilitado a realização de pesquisas arqueológicas na região, posto que os sítios arqueológicos podem ser diretamente impactados pelas obras. Nesse contexto, a Fundação Casa da Cultura de Marabá (FCCM) tem escavado diferentes paisagens, de florestas até cavernas, fornecendo importantes indícios do cenário da vida humana na região.

O trabalho arqueológico é dividido em quatro principais etapas: **Diagnóstico**, **Prospecção**, **Resgate** (salvamento) e **Laboratório** (higienização, análise e acondicionamento).



### ETAPA I - DIAGNÓSTICO

O primeiro passo é um levantamento preliminar da área, onde, por meio de imagens aéreas, pesquisa bibliográfica e entrevista a moradores, investiga-se a existência de ruínas de edificações, a ocorrência de material lítico, cerâmico e outros indícios de ocupação humana.

É muito comum entre colonos e ribeirinhos a identificação de lâminas de machado (lítico) como “pedra de corisco”. Segundo o conhecimento tradicional desses grupos, as pedras de corisco, lançadas do céu pela descarga elétrica do raio, atingem árvores, lascando-as de cima abaixo, ficando a pedra depositada próxima à árvore. Os arqueólogos também perguntam sobre a ocorrência de cacos de cerâmica nos roçados. Esses achados podem ser indícios da ocorrência de sítios arqueológicos.

Por esse motivo, durante o diagnóstico é importante o exercício que os arqueólogos fazem de utilizar a linguagem local, pois apenas assim podem criar condições para o sucesso nesse trabalho investigativo.





### **ETAPA II - PROSPECÇÃO**

Nessa etapa ocorrem as primeiras intervenções no subsolo. Com ferramentas de perfuração (cavadeira articulada, trado, por exemplo) é realizada a abertura de poços-teste, observando a presença de vestígios de cultura material (cerâmica, lítico, sambaquis).

É importantíssimo observar as mudanças na coloração do solo, pois as camadas mais escuras podem indicar períodos de ocupação humana.

### **ETAPA III – RESGATE OU SALVAMENTO**

Uma vez que, por meio dos poços-teste, já foram mapeados os locais de ocorrência de material arqueológico, o arqueólogo divide e delimita o sítio a ser estudado em quadrículas. De forma ordenada, a equipe escava camadas que podem ser de 10 em 10 cm de solo, anotando a posição exata onde os fragmentos foram encontrados, uma vez que o registro é imprescindível para interpretar o contexto em que os materiais estão inseridos.

Alguns sítios que possuem grande área de escavação permitem ao arqueólogo identificar os setores do abrigo: cozinha, área de lascamento, área de descarte (lixeira), cemitério etc., e com essas informações reconstituir o cotidiano do grupo que há muito tempo viveu nesse território.



### **ETAPA IV – LABORATÓRIO**

Todo o material recolhido no sítio é levado para o laboratório, onde passa por um processo de seleção: as peças grandes, com decoração ou borda, por exemplo, são consideradas “diagnóstico” e encaminhadas para análise mais detalhada. Enquanto os fragmentos muito pequenos ou de baixo potencial, assim que saem da estufa, são acondicionados na Reserva Técnica.



## DESCOBERTAS ARQUEOLÓGICAS NA REGIÃO DE CARAJÁS: SÍTIO CAVERNA CUPIM

Você sabia que os primeiros habitantes da Amazônia chegaram aqui por volta de 12 mil anos atrás? Pois é! Os nossos ancestrais, durante milhares de anos necessitaram se locomover constantemente à procura de comida. Quando ainda não desenvolviam agricultura e não domesticavam animais, a descoberta de novos horizontes era questão de vida ou morte.

Mudanças climáticas, a escassez de alimentos e a condição de caçador-coletor fez com que o homem realizasse longas e duradouras caminhadas à procura de comida, que o levou a lugares muito distantes. Graças a essas caminhadas o *Homo Sapiens Sapiens*, vindo principalmente da África e da Ásia, chegou à América por volta de 14 mil anos antes do presente.

Hoje sabemos que a ocupação da América, antes da presença do colonizador europeu, recebeu vários grupos de imigrantes: vindos da Ásia, atravessando o Estreito de Bering (da Sibéria para o Alasca); vindos da



Mapa ilustrativo dos processos migratórios que promoveram a povoação da América



Europa, cruzando o Oceano Atlântico, cujo destino foi o Sudeste dos Estados Unidos; e outros grupos que vieram da região denominada atualmente como Oceania cruzando o Oceano Pacífico, desembarcando na costa da América do Sul e caminhando até o Brasil Central. Se hoje temos essas informações devemos aos inúmeros trabalhos e pesquisas arqueológicas desenvolvidas pelo mundo.

Assim, as pesquisas arqueológicas têm contribuído bastante para conhecermos como viviam também aqueles que habitaram a nossa região, e muito desse conhecimento devemos à FCCM. No Sítio Caverna Cupim, localizado no município de Parauapebas, recentemente estudado pela FCCM, foram encontrados vestígios de cultura material importantíssimos para os estudos sobre a povoação da região e entendimento a respeito do cotidiano desses povos.

De acordo com a datação dos fragmentos de carvão encontrados na Caverna Cupim, os primeiros habitantes que por ali passaram teriam chegado por volta de 11.245 mil anos antes do presente. A partir de informações obtidas em outros sítios pode-se também afirmar que essas pessoas se organizavam em pequenos grupos de 20 a 40 indivíduos, e por ainda não dominar a agricultura, tinham como principal fonte de alimento a caça, a pesca e a coleta de frutos e raízes. Os povos com essas características são classificados pelos arqueólogos como caçadores-coletores.

Além disso, os resíduos de plantas encontrados no solo indicam que naquela época o território de Carajás era predominante constituído por savanas e que as mudanças climáticas que aconteceram ao longo do tempo teriam tornado a vegetação como ela é hoje.





## ATIVIDADE 3

### TRABALHO ARQUEOLÓGICO: QUEM SÃO OS DETETIVES DO PASSADO?

Duração da atividade: 2 aulas

#### Público-alvo

Alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

#### Tema: Arqueologia

#### Objetivos

Apresentar aos participantes da atividade a lógica do trabalho da Arqueologia, refletindo a respeito do modo de vida de sociedades do passado; trabalhar texto informativo com os alunos; realizar trabalho com dicionário e glossário; produzir textos verbais e não verbais; realizar atividades de leitura compartilhada; realizar atividades de pesquisa; refletir sobre mudanças ocorridas em diferentes culturas e profissões; conhecer e apresentar as histórias das profissões pesquisadas e realizar exposição oral de atividades.

#### Componentes curriculares envolvidos

Língua Portuguesa, Artes, História, Geografia.

#### Recursos

Materiais didáticos diversos (lápiz preto, lápis para colorir, giz de cera, caneta, borracha, caderno, régua, etc.), texto “Quem são os detetives do passado?”; glossários de livros didáticos e paradidáticos, dicionário, folhas de papel A4, folhas de papel para confecção de painel, material pesquisado pelo professor: imagens e informações sobre profissões e suas histórias.

## Metodologia

Leitura do texto **Quem são os Detetives do Passado?**

Professor, a partir da leitura do referido texto será possível introduzir a temática Arqueologia para seus alunos, pois ele traz, em seu corpo, a finalidade principal dessa ciência, que é a interpretação dos modos de vida de povos do passado. Por meio do texto, conhecemos a rotina e especificidades do trabalho de um arqueólogo, as ferramentas que utiliza; o que procura descobrir ao pesquisar objetos antigos; quais as revelações trazidas por suas descobertas; locais em que realiza seu trabalho etc.

*Obs: O texto pode ser lido pelo professor ou por meio de uma leitura compartilhada entre os alunos da turma.*

Para o encaminhamento do trabalho com o texto supracitado, sugerimos a você, professor, que construa algumas reflexões a serem trabalhadas com os alunos após a leitura, você poderá ter a dimensão do entendimento dos discentes sobre o que foi abordado. Assim, trazemos algumas sugestões para esse momento:

- O que mais lhe chamou atenção no texto lido?
- Quem já ouviu falar sobre Arqueologia? O que ouviu?
- Quem são os “detetives do passado” e o que fazem?
- Por que é importante conhecer como viviam as sociedades do passado?
- Cite algumas ferramentas utilizadas pelos arqueólogos.

### **Quem são os detetives do passado?**

Carregando um arsenal de ferramentas, o arqueólogo tem a missão de investigar o passado do homem a partir dos objetos fabricados por sociedades que, por alguma razão, deixaram de existir.

Para resgatar esses objetos, ele utiliza várias ferramentas, como a colher de pedreiro, o cavador, o paquímetro, a peneira, o balde, o nível de bolha, o pincel, a vassourinha, a trena, a máquina fotográfica, ufa! São tantos itens que algumas ferramentas talvez você nem conheça.

Elas fazem parte do cotidiano destes cientistas que se aventuram em inóspitas florestas, grandes desertos, geleiras, subterrâneos de grandes cidades, ou onde quer que um grupo de pessoas tenha deixado vestígios da sua existência.

Resgatar, documentar e estudar os objetos é sua missão. Escavando o solo ou até debaixo d'água, o arqueólogo chama esse lugar de "sítio arqueológico". Além da rotina nos locais de coleta de materiais, a investigação é complementada no laboratório, por meio de análises sofisticadas, em que a investigação consegue determinar detalhes de como era a vida de sociedades extintas.

Não importa a natureza dos objetos, desde grandiosos sarcófagos em ouro maciço até fragmentos de cerâmica, os arqueólogos, esses autênticos investigadores do passado, nos dão pistas de como viviam nossos antepassados, e acabam por revelar a riqueza cultural de povos que ajudaram a formar o mosaico de culturas do nosso planeta.

### **1) Elaboração de um "glossário" a partir das palavras contidas no texto "Quem são os Detetives do Passado?"**

Professor, o texto apresentado para seus alunos, "Quem são os Detetives do Passado?", traz muitas terminologias próprias da Arqueologia e pouco conhecidas por eles. Por isso, nessa etapa da atividade, sugerimos que convide seus alunos a organizarem essas terminologias em um glossário.

Explique aos seus alunos que "glossário" é um tipo de dicionário específico para palavras e expressões pouco conhecidas, seja por serem de natureza técnica, regional ou de idioma. Você pode mostrar os glossários expostos nos livros didáticos e paradidáticos da escola, assim, os alunos poderão observar a organização e finalidade desse gênero textual.

Nessa etapa, você pode transcrever o texto no quadro da sala de aula. A partir disso, você juntamente com seus alunos, podem realizar uma nova leitura do texto, agora com a finalidade de identificar palavras que ainda não conhecem.

Com as palavras identificadas e destacadas do texto, distribua aos alunos dicionários e oriente a pesquisa pelo significado de cada palavra. Transite pela sala e auxilie seus alunos na organização do glossário.

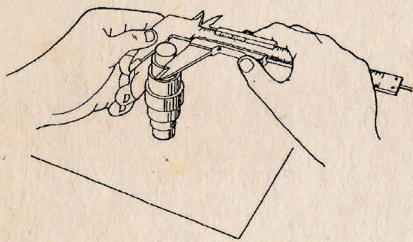


## Glossário

### Paquímetro

*Substantivo masculino*

Instrumento utilizado para medir precisamente pequenas distâncias, espessuras etc., constante de uma escala graduada fixa, duas garras e um cursor com um nônio (tipo de escala).



### Inóspita

*Substantivo feminino*

Que não é acolhedor, que não tem hospitalidade. Em más condições para sobrevivência.

### Sarcófago

*Substantivo masculino*

Túmulo feito geralmente de um tipo de pedra que se supunha ter a propriedade de consumir as carnes, e onde os antigos colocavam os cadáveres.

Com o glossário elaborado, recolha e avalie os aspectos ligados à produção textual e composição desse gênero textual. A partir disso, converse com a turma sobre as palavras que foram mais pesquisadas, quais seus significados, quais as principais descobertas a respeito da Arqueologia, entre outras reflexões.

## 2) Trabalho do arqueólogo contado por meio de desenho e produção textual

Professor, nessa etapa da atividade, você pedirá para seus alunos que elaborem um desenho e um texto, onde será representado um momento do trabalho realizado por um arqueólogo.

*Obs: Essas atividades terão como suporte o quadro 1, localizado nas p. 44 e 45 sobre as etapas do trabalho do arqueólogo, o texto "Quem são os Detetives do Passado?" e os glossários produzidos pelos alunos, onde estão expostos os significados das terminologias próprias do mundo da Arqueologia.*

Para esta etapa da atividade, você, professor, poderá ofertar a cada aluno uma folha de papel A4, na qual ele irá realizar o desenho e a produção textual. Esta folha, deverá ser trabalhada na posição "retrato", e em uma de suas metades será impresso o desenho feito pelo aluno e na outra, o seu texto descrevendo a ação representada na imagem.

Após a elaboração de todos os desenhos e textos, você poderá organizar com seus alunos uma roda de conversa, onde todos terão a oportunidade de socializar o que produziram. Professor, nesse momento, tente relacionar as produções dos alunos com o texto "Quem são os Detetives do Passado?" e o glossário confeccionado por eles. Isso proporcionará aos alunos





Criança registrando um pouco da sua história. Como se chama, onde mora, o que mais gosta de fazer, suas brincadeiras prediletas, ou seja, como ele se identifica no seu meio social.

expressarem seus entendimentos sobre os temas já trabalhados, pois eles trarão à tona ideias relevantes do texto e as descobertas trazidas pela pesquisa realizada no dicionário para a elaboração do glossário.

Para encerrar essa etapa da atividade, você poderá organizar em sua sala de aula um grande painel onde serão expostas as produções dos alunos.

### **3) Profissões e suas histórias**

A partir da leitura do texto “Quem são os Detetives do Passado?” e da realização das demais atividades feitas até agora, vimos que os arqueólogos possuem como principal função desvendar a saga do homem ao longo de sua história na Terra. Isso é possível por meio da investigação dos muitos vestígios em forma de objetos, pinturas, entre outros resquícios materiais deixados por ele. Com isso, podemos ter acesso a informações importantes, como de que forma se alimentavam, moravam, seus principais hábitos, organização social, divisão do trabalho etc.

Então professor! Vamos incentivar os alunos a assumirem o papel de pequenos “detetives do passado” e nos desvendar algumas histórias! Para isso, sugerimos que você trabalhe com eles a história das profissões existentes ao seu entorno e em outras realidades, assim como as muitas transformações sofridas por essas profissões ao longo do tempo, resultado de mudanças sociais, históricas, econômicas etc.

Professor, sugerimos que realize uma pesquisa prévia em livros, revistas, jornais, sites de buscas da internet entre outros recursos sobre imagens e informações acerca das profissões e suas transformações ao longo do tempo. A partir disso, ofereça a seus alunos, por meio de discussões e a exploração de sua pesquisa, os conhecimentos sobre as profissões e suas histórias. Procure, se possível, relacioná-las com profissões da região, como o garimpeiro, vaqueiro, agricultor entre outras.

A temática pode ser trabalhada na perspectiva do tempo, por exemplo: como a moda feminina mudou do tempo dos nossos avós até hoje; como a Medicina e seus instrumentos foram se modificando ao longo do tempo; professores que em determinado período temporal chegaram a utilizar a palmatória; os garimpeiros que no passado utilizavam apenas a bateia e, posteriormente, passaram a usar máquinas para retirar o ouro do garimpo; entre outras profissões que foram se aperfeiçoando e passaram a utilizar novos instrumentos e tecnologias.

Fotografias de profissionais devidamente caracterizados com seus instrumentos de trabalho, tanto no presente quanto do passado podem ajudar a turma a perceber o processo de transformação da cultura material enquanto pistas para os “arqueólogos do futuro”.



A partir disso, divida a sua turma em grupos, em que cada um ficará responsável em expor para todos da classe a história de uma profissão (que pode ser selecionada pelo professor ou pelo próprio grupo). Para realizar esse trabalho, os alunos terão que incorporar o papel de “arqueólogos” e investigar a partir dos materiais ofertados pelo professor as características da profissão em estudo, assim como sua história.

A exposição será por meio da oralidade. Além disso, sugerimos que cada grupo elabore um texto que contenha a história da profissão pesquisada.

## Avaliação

- ✓ Ocorrerá em todo o processo de desenvolvimento das atividades. Portanto é relevante observar alguns pontos.
- ✓ Entendimento dos alunos acerca da temática abordada.
- ✓ Habilidades dos alunos sobre competências relacionadas à leitura, como: compreender texto lido por outra pessoa, localizar informações explícitas e implícitas no texto, compreender texto lido de forma autônoma, realizar leitura de textos não verbais e verbais.
- ✓ Nível de produção textual dos alunos.
- ✓ Entendimento sobre as características estilísticas e composicionais do gênero textual glossário.
- ✓ Elaboração e uso adequado do glossário.
- ✓ Nível de produção de texto não verbal (desenhos).
- ✓ Realização de pesquisa sobre profissões, suas histórias e transformações ocorridas no tempo.
- ✓ Capacidade de trabalhar em grupo.
- ✓ Nível de exposição oral da atividade.

## ATIVIDADE 4

### **PASSADO E PRESENTE – OBJETOS E TECNOLOGIAS QUE AJUDARAM A CONSTRUIR O MUNDO EM QUE VIVEMOS**

*(DINÂMICA PARA CONSTRUÇÃO DE VARAL COM IMAGENS DE OBJETOS E TECNOLOGIAS QUE AJUDARAM A CONSTRUIR NOSSA IDENTIDADE)*

Duração da atividade: 4 aulas

#### **Público-alvo**

Alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

#### **Tema: Arqueologia**

Atividade que procura estimular os alunos a refletirem sobre o conceito de tecnologia a partir dos objetos encontrados no cotidiano do presente e do passado. Entendendo tecnologia como um recurso criado para resolver um problema.

Inicialmente, o professor deve refletir junto aos alunos sobre a capacidade da espécie humana de transformar o meio ambiente e criar objetos usando técnicas que garantiram a nossa sobrevivência num passado longínquo e continua a nos facilitar a vida. A partir da pesquisa orientada pelo professor, os alunos devem reunir informações (textos e imagens) que possam constatar esse fato. Contudo, precisamos refletir criticamente sobre essas modificações ao meio ambiente, por exemplo, mostrando imagens de aldeias, garimpos, cidades, lixões ou de uma hidroelétrica.

Professor, é muito importante que os alunos atentem que algumas tecnologias utilizadas há milhares de anos sobreviveram ao tempo e fazem parte do dia a dia tanto de comunidades tradicionais como de sociedades urbanas (Quadro 3, p. 62).

Avançando nas reflexões sobre a atividade humana na Terra, podemos explorar os resultados de pesquisas arqueológicas que nos fornecem informações precisas a respeito da natureza de objetos produzidos por sociedades do passado distante.

Nossa sugestão é que os professores priorizem a realidade amazônica, direcionando o planejamento de aula a pesquisas relacionadas às sociedades que produziram cerâmicas na região amazônica (marajoara, tapajônica, maracá, cunani ou as peças encontradas na região de Carajás).

A partir desses materiais podemos solicitar às crianças que falem sobre objetos, como as pontas de lanças provenientes de rochas lascadas, machados de pedra polida ou potes de cerâmicas (utilidade, detalhes da decoração, formato, semelhança com os objetos do presente). Quadro 4, p. 64 e 65.

As fontes se encontram distribuídas neste livro e devem ser complementadas por pesquisas realizadas pelos discentes.

A etapa final da dinâmica reunirá imagens da cultura material de sociedades extintas e objetos do nosso cotidiano que passaram por um processo de transformação ao longo do tempo.

Comparar objetos de épocas distintas, com características peculiares relacionadas às culturas diferentes, acaba por conduzir os alunos a refletirem não só a respeito do caráter utilitário dos objetos, mas também perceber que a cultura material ajuda a identificar um grupo, como um berimbau, por exemplo, que está irremediavelmente associado aos jogadores de capoeira.

Na etapa final da atividade, estimularemos a comparação entre a cultura material do passado e do presente. Os objetos que sobreviveram ao tempo e sofreram transformações ou até mesmo foram integrados a outra cultura a partir do intercâmbio entre diferentes povos.

Nesse momento, devemos apresentar objetos correspondentes, como potes de cerâmica que eram utilizados no passado, em comparação aos antigos tachos e panelas de cobre, até chegarmos a utilização da panela de pressão e panelas elétricas usadas no presente. Nessa linha de pensamento, conseguimos demonstrar que objetos e tradições se modificam ou permanecem inalterados a partir do contexto histórico social e geográfico onde estão inseridos.

Em relação aos “saberes e fazeres” da nossa região, podemos citar o exemplo do preparo da farinha de mandioca que ainda obedece ao modelo tradicional com pequenas transformações. Sugerimos que o professor utilize o texto “O cotidiano na Amazônia antes dos portugueses: artefatos milenares revelam como era a vida naquele período” (**no próximo item – Pré-História e História do lugar**), que relaciona traços da cultura amazônica com os objetos presentes no cotidiano dos povos que ajudaram a criar a identidade da região.



Podemos explorar outros contextos em que a tradição domina os “saberes e fazeres”, como é o caso de tecidos confeccionados por comunidades tradicionais por todo o mundo, ou a forma de cultivo do arroz na Ásia, que mesmo sendo o berço das tecnologias de ponta na contemporaneidade, tendo como representantes maiores a China e o Japão, ainda recorre à técnicas milenares para o plantio do referido cereal, base da dieta de milhares de pessoas e traço cultural marcante de várias sociedades.

Professor, esta atividade foi planejada com o objetivo de estimular os alunos a pesquisarem sobre objetos e tecnologias utilizados pelo homem ao longo de sua existência no planeta, sempre lembrando que a Arqueologia nos ajuda a perceber, por meio dos vestígios do passado, como as culturas se estabeleceram no tempo e no espaço, e, por conseguinte, a diversidade cultural que marca a passagem de diferentes povos pelo nosso planeta.

Como a metodologia aqui proposta utiliza recursos que proporcionam a interação entre as distintas áreas do conhecimento, o plano de aula deve ser concebido para que desde a pesquisa até a montagem da dinâmica (que contará com cartazes cheios de imagens e conteúdos) as disciplinas possam atuar juntas no processo.

## Objetivos

Propor aos alunos a reflexão acerca da importância da Arqueologia enquanto ciência para obtermos respostas relacionadas à herança deixada por sociedades de um passado próximo ou distante, mas que contribuíram para formação da identidade e do patrimônio cultural do nosso planeta.

Trabalhar com os alunos o conceito de tecnologia e todo o processo pelo qual a espécie humana passou a se distinguir das outras, justamente pela sua capacidade de modificar significativamente o meio onde vive.

Refletir com os alunos sobre a Diversidade Cultural no tempo e no espaço, por meio dos vestígios deixados por sociedades extintas, comparando com objetos do presente.

## Componentes curriculares envolvidos

Língua Portuguesa, Artes, História, Geografia e Matemática.



## Recursos

Como trabalharemos com a elaboração de painéis, que serão pendurados, contendo textos, desenhos e seleção de imagens, precisaremos de cartolina ou qualquer outro papel que sirva de suporte para os referidos painéis, lápis, caneta, lápis de cor, hidrocor, tesoura sem ponta. Para o varal que irá sustentar os painéis, sugerimos qualquer espécie de fio, cola branca e régua.

## Metodologia

Inicialmente o professor, de posse das informações relacionadas à Arqueologia presentes neste livro, iniciará uma conversa com a turma sobre o que eles entendem por tecnologia. Nesse momento é importante ouvir os alunos para que seja feita uma sondagem a respeito do significado desta palavra para os participantes.

Na sequência, a discussão poderá ser direcionada para questionamentos ligados à capacidade que os seres humanos têm em criar “coisas” que facilitam a vida. Convém lembrar que em determinado período da nossa existência, a criatividade e o poder de interação com o meio, determinou a sobrevivência dos primeiros grupos de homínídeos que habitaram o planeta.

A segunda etapa da atividade consiste na divisão da turma em grupos que se ocuparão em pesquisar objetos característicos de culturas específicas e que, por conta de contextos diversos, deixaram de existir ou sofreram influências de outras culturas.

O professor pode confeccionar fichas com imagens de objetos característicos de uma cultura e no seu verso as informações correspondentes, por exemplo, como os suportes de escrita foram mudando ao longo do tempo, ou seja, figuras de placas de pedras, papiros até chegar no papel que temos atualmente; ou as vasilhas de cerâmica que foram confeccionadas ao longo do tempo, com diferentes técnicas, funções e características. Essas peças podem servir para compararmos sua aparência e utilidade.

Ao solicitarmos que os alunos comparem uma vasilha marajoara com uma panela de pressão, estaremos discutindo a questão da dinâmica cultural na perspectiva do tempo e do espaço materializados pelos objetos criados pelo homem. As possibilidades são múltiplas, posto que podemos explorar a Diversidade Cultural a partir dos objetos apresentados e pesquisados pelos alunos.



Finalizada a etapa de leitura das fichas contendo informações sobre os objetos característicos da região amazônica, o varal com objetos do passado e do presente será montado a partir de alguns questionamentos:

- Esse objeto foi feito de maneira artesanal ou industrial?
- Esse objeto é característico de qual cultura?
- Existe algum objeto do presente correspondente a ele, ou utilizado para a mesma finalidade?
- Alguém pode completar o painel com alguma imagem de um objeto que é característico de uma cultura ancestral, mas que ainda é utilizado no presente?

Caro professor, utilize sua criatividade para explorar ao máximo esta atividade. Lance mão de todos os recursos disponíveis a fim de que a pesquisa e o exercício comparativo entre a cultura material (objetos/tecnologias) dos diferentes povos possa de fato ajudar os alunos a entenderem o processo dinâmico pelo qual a Cultura, principalmente da nossa região amazônica, passou ao longo do tempo.

Fruto do trabalho de pesquisa dos alunos, o varal montado em sala de aula será sustentado por barbantes. Cabe ao professor responsável pela turma ou a equipe de docentes, delimitar os temas e buscar o máximo de informações a respeito dos temas propostos nesta atividade, de maneira a complementar o que já foi sugerido até o momento.

## Avaliação



Ocorrerá em todo o processo de desenvolvimento das atividades, portanto é relevante observar alguns pontos: o nível da produção textual dos alunos pela observação das fichas solicitadas de acordo com o comando; a capacidade interpretativa ao se deparar com os objetos e a partir de situações propostas, compará-los de acordo com a natureza do que são constituídos; período característico; procedência, entre outros.




Imagem da oficina de grafite realizada pelo Programa de Educação Patrimonial Serra Leste no Distrito de Serra Pelada. Atividades que extrapolam os muros da escola, estimulam as crianças e mobilizam a comunidade.



### A “CUIA” E A “GUAMPA”:

DOIS OBJETOS PRESENTES NO COTIDIANO DO PARÁ E DO MATO GROSSO DO SUL QUE DIZEM MUITO DA CULTURA E TRADIÇÃO DESSES LUGARES

A guampa é um recipiente produzido a partir do chifre do boi, usado para se tomar tereré<sup>10</sup>, bebida utilizada pelos índios Guarani e que se popularizou desde a época da colonização da Bacia do Rio Prata e se estendeu por vários locais.

A cuia é uma tigela que faz parte da identidade de Belém do Pará e outras cidades amazônicas por estar comumente associada ao tacacá<sup>11</sup>. De origem indígena, este objeto proveniente do fruto de uma árvore chamada cuieira (*Crescentia Cujete*), após a sua colheita é dividida ao meio e seu interior é retirado. Depois é deixada secar por alguns dias e, em seguida, tingida com o cumatê, líquido extraído da casca do axuazeiro, uma árvore da região. Finalizado o processo, ela está pronta para ser a vasilha em que tradicionalmente é servido o tacacá.

---

<sup>10</sup> Tereré (as denominações indígenas para a erva-mate são caá, caá-caati, caá-emi, caá-ete, caá-meriduvi e caá-ti.) é a bebida mais tradicional e popular do Paraguai, em conjunto com o mate que também é servido na zona do Rio da Prata (Argentina, Uruguai e no Sul do Brasil. No Rio Grande do Sul, com o nome de chimarrão).

<sup>11</sup> Tacacá é uma iguaria de origem indígena presente em toda a região amazônica brasileira. É preparado um caldo amarelo extraído da mandioca chamado tucupi. Coloca-se esse caldo por cima da goma de tapioca, também servida com camarão seco e jambu (erva amazônica que provoca um tipo de formigamento nos lábios). Câmara Cascudo (2001) afirmou que sua origem deriva de um tipo de sopa indígena denominada manipói: “Esse manipói fez nascer os atuais tacacá, com caldo de peixe ou carne, alho, pimenta, sal, às vezes camarões secos”.







A cuia e a guampa são apenas dois exemplos de objetos que para além da sua utilidade, ultrapassaram as fronteiras da cultura indígena e se afirmam no presente sendo um traço identitário de lugares que experimentam a sobrevivência de tradições em contraposição aos objetos que podem ser classificados como “modernos” ou fruto da modernidade. Como em várias partes do mundo, eles convivem de maneira natural com as transformações e o intercâmbio entre culturas distintas. Em Belém, a cuia para o tacacá e em Campo Grande, a guampa para o tereré, estão completamente integradas na paisagem urbana dessas capitais, que como tantas outras experimentam o dinamismo cultural dos nossos tempos.

Na correria do dia a dia quase não percebemos que alguns objetos que nos cercam são originários de culturas bem diferentes das nossas ou que sofreram ressignificações ao longo do tempo. Por exemplo, a espada de um samurai japonês com mais de duzentos anos, pode se tornar um objeto cultuado de decoração. Os primeiros aparelhos de telefones celulares lançados na década de 1980 já podem ser apreciados em museus, assim como as peças cerâmicas encontradas na bacia do Tapajós ou do Marajó. Tudo isso serve para nos mostrar o quanto a cultura material é dinâmica e tem o poder de se transformar no tempo e no espaço.



## POTES E PANELAS: A LONGA HISTÓRIAS DESSES UTENSÍLIOS

A arte da cerâmica vem se manifestando desde o início da trajetória do homem no planeta. Vários povos, em diferentes épocas, desenvolveram habilidade para manufaturar o barro, desenvolvendo uma diversidade de utensílios, desde peças de uso cotidiano a objetos de uso sagrado, como na China, com cerâmicas de aproximadamente 20.000 anos. Na Amazônia não foi diferente, existindo uma diversidade de tradições cerâmicas que remontam a chegada dos europeus. Nesse contexto, podemos citar as tradições cerâmicas tapajônica e a marajoara, objeto de diversas pesquisas no campo da Arqueologia e de outras ciências.

A cerâmica marajoara encontrada originalmente às margens do Rio Amazonas e no arquipélago de Marajó, tem um extenso repertório de objetos com elementos zoomorfos (formas de animais) e antropomórficos (formas humanas) acompanhadas por desenho geométrico, em que podemos destacar “tangas cerimoniais” com motivos geométricos variados e urnas funerárias.

Já a cerâmica tapajônica, que tem como berço a bacia do Tapajós, nos chama atenção pela exuberância dos seus vasos cerimoniais de gargalo, decorados com cariátides<sup>12</sup> e os grandes cálices com pedestal. Podemos também destacar a presença de mitos cosmológicos da Amazônia, ligados a animais como o urubu-rei.

---

<sup>12</sup> Cariátide - recurso da arquitetura que emprega uma figura feminina como coluna.

Diferente de potes e vasilhas usados para cozinhar, as urnas funerárias da cultura amazônica eram utilizadas para enterramento dos membros desse grupo. A interpretação desses objetos pelos arqueólogos indica um costume desse povo.







Exemplar de cerâmica produzida pela cultura tapajônica

Os povos ancestrais ceramistas produziram uma infinidade de peças que variavam de acordo com os grupos, técnicas e a finalidade para qual as cerâmicas foram utilizadas. Por essa razão encontramos vários sítios arqueológicos com o registro de potes, vasilhas e panelas caracterizadas por formas mais simples para uso diário, o que nos transporta para a atualidade e a evolução dos utensílios presentes em nossas cozinhas.

De acordo com as pesquisas arqueológicas, os potes cerâmicos lisos menos decorados provavelmente serviram para armazenar e principalmente cozinhar os alimentos, assim como as panelas utilizadas na atualidade. Portanto, temos as panelas de cerâmica, de ferro, de pressão (que remontam o século XVII) até chegarmos às panelas elétricas inteligentes.

A história da panela de pressão foi iniciada em 1679 quando o físico francês Denis Papin, criou um utensílio que segundo ele próprio afirmou: “amolecia os ossos e cozia rapidamente as carnes mais duras”. Desta definição original, adveio o nome “digestor” ou “marmitta de Papin”. Consistia num recipiente em ferro fundido, com uma tampa provida duma válvula de segurança, que o fechava hermeticamente. A partir dessa tecnologia, os alimentos mais difíceis de cozer eram cozidos rapidamente.

Portanto, quando você usar um utensílio de cozinha saiba que o mesmo pode carregar uma longa história!



## ATIVIDADE 5

### O QUE OS OBJETOS DE HOJE PODEM CONTAR PARA OS ARQUEÓLOGOS DO FUTURO?

#### Público-alvo

Alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

#### Texto introdutório: Pompeia

Em 24 de agosto de 79 d. C., a cidade romana de Pompeia foi enterrada embaixo de um dilúvio de cinzas e lava quando o vulcão Vesúvio entrou em erupção. Embora tenha sido uma catástrofe para a cidade e para seus habitantes, na atualidade, ela é um cenário de grandes descobertas para os arqueólogos de gerações posteriores. Pompeia foi selada pela lava, que a manteve praticamente intacta até o século XVIII.

As primeiras tentativas de escavar o sítio foram acidentais, e as ruínas foram saqueadas com a caça a tesouros. Em 1860, sob a direção do arqueólogo italiano Giuseppe Fiorelli, começou sua escavação sistemática e restauração.

A lava endurecida em torno dos corpos formou conchas, que após a decomposição dos corpos, serviu de moldes para Giuseppe Fiorelli “recriar” os corpos das vítimas da erupção. Por furos na lava, o arqueólogo introduziu estuque<sup>13</sup> nos “moldes”, e após ele endurecer, Fiorelli retirou a lava para obter uma reprodução perfeita do corpo.

---

<sup>13</sup> Tipo de argamassa geralmente feita de pó de mármore, cal fina, gesso e areia, e com a qual se cobrem paredes, tetos e/ou se fazem ornamentos.





Ruínas da cidade de Pompeia, localizada aos pés do vulcão Vesúvio, nos arredores de Nápoles, sul da Itália.



As ruínas e inscrições encontradas na cidade indicam que a cidade tinha 2 mil teatros e a população gostava muito de frequentá-los, só um deles acomodava 5 mil pessoas sentadas.

Outro elemento popular na cidade eram os combates de gladiadores, que se realizavam no anfiteatro. Os espetáculos iam de combates entre gladiadores a lutas com animais selvagens. Foram encontrados capacetes e objetos de proteção para o queixo e tornozelos e algumas inscrições nos murais dizem que os gladiadores eram cultuados como heróis pelos cidadãos.

Pompeia era um porto muito concorrido, e a cidade era cheia de lojas e restaurantes. De acordo com as evidências, os pobres viviam em cômodos embaixo das lojas, enquanto os ricos viviam em casas enormes com belos jardins.

Embora o monte Vesúvio fosse uma ameaça permanente, o povo utilizava suas férteis encostas para a agricultura, era ali que cresciam vinhas, oliveiras e outras plantas nativas, além de serem cultivadas ervas, frutas e vegetais em hortas particulares. A cidade exportava vinho para Roma e ainda tinha criações de galinhas, carneiros e porcos.



Representação dos corpos das vítimas de Pompeia, obtidos a partir da introdução de estuque nos moldes deixados na lava



## Objetivos

Valorizar o poder que os objetos (cultura material) têm de contar histórias, em contraposição à concepção antropocêntrica que perdurou até o século XIX, a qual defendia ser exclusividade da escrita a capacidade de registrar e contar a história de um povo.

Apresentar a análise e a interpretação como dois dos principais recursos metodológicos que a Arqueologia utiliza para garantir o conhecimento sobre as populações antepassadas.

Chamar atenção para a importância de se preservar o patrimônio cultural, pois eles são registros de um tempo e de um espaço, símbolos de uma cultura.

## Componentes curriculares envolvidos

Artes, Ciências, História e Língua Portuguesa.

O professor de Artes poderá pesquisar sobre as produções artísticas encontradas em Pompeia, pois suas pinturas e murais indicam um panorama bastante fértil e diversificado da vida artística da Roma Antiga, além de ter sido inspiração para inúmeras obras. A disciplina ainda poderá explorar a produção de desenhos exigida nesta atividade.

Durante a atividade, ao tratar dos vestígios de cultura material, o professor de Ciências poderá recorrer ao conteúdo deste livro para abordar os processos biológicos e químicos das datações com Carbono-14 e por termoluminescência, importantíssimos para o trabalho arqueológico.

O texto introdutório é um ótimo recorte da história da Pompeia, que foi sucumbida pelo poder do Vesúvio, mas que renasceu com suas ruínas. A atividade pode ser facilmente incorporada ao plano de aula da disciplina História.

Na Língua Portuguesa trabalhar-se-á a Tipologia Textual, interpretação e escrita a partir dos recursos textuais e questionários orais apresentados na atividade.

## Recursos

Papel A4, lápis, borracha, caneta hidrocor, giz de cera, lápis de cor.

## Metodologia

O professor deverá realizar a leitura compartilhada do texto introdutório. Ao final, abrirá uma discussão com a turma, interrogando sobre o que teria chamado mais a atenção dos discentes.

A partir do exposto no texto, o professor deverá interrogar a turma a respeito de quais elementos teriam contribuído para os arqueólogos chegarem às conclusões expostas.

Supondo que no futuro, arqueólogos estudariam o local onde vivemos, solicite aos discentes que desenhem quatro objetos (isolados ou em um contexto) que poderiam contar sobre o discente aos arqueólogos do futuro, por exemplo, gosta muito de jogar futebol então desenhe bolas, traves, chuteiras etc.

Para finalizar, solicite aos alunos que elaborem uma narrativa em 1ª pessoa envolvendo a utilização dos quatro objetos escolhidos na dinâmica anterior. Após o desenho podemos aplicar a seguinte sugestão de comando:

*“Agora que desenhou os objetos que podem dar pistas da maneira como você vive, passatempos prediletos, entre outros detalhes da sua personalidade. Produza um texto sobre as coisas que você escolheu e ilustrou como parte da sua vida, pode ser uma história a respeito dos objetos contidos no desenho e porque eles são importantes para você.”*

Caro professor, como em todas as outras atividades, sugerimos que sejam realizadas alterações para que atenda aspectos, como a faixa etária dos discentes, os níveis de leitura e escrita da turma, entre outros aspectos que julgue relevante.



Desenho produzido pelo aluno Eric Victor de Souza Ferreira (7º ano, EMEF Rita Lima, Serra Pelada). O comando da referida atividade foi bem assimilado, pois a criança representa os objetos que contribuem para compreender quem é o Eric, como a cela, o cavalo, o cantil e a Bíblia Sagrada

## Avaliação



Ocorrerá em todo o processo de desenvolvimento das atividades, portanto é relevante observar alguns pontos como o nível de compreensão do texto apresentado, bem como o nível de produção textual dos alunos.





# CAMERNA DO PASSA

Atividade de uma oficina do Programa que relaciona elementos do passado e do presente, promovendo a comparação dos períodos de tempo de acordo com os aspectos culturais e transformações na história do homem no planeta.

### 5.3 PRÉ-HISTÓRIA E HISTÓRIA DO LUGAR: PASSADO, PRESENTE, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO

#### **Você sabia que os primeiros habitantes da Amazônia chegaram aqui por volta de 12 mil anos atrás?**

Descobrir novos horizontes era questão de vida ou morte para os nossos ancestrais. Mudanças climáticas e escassez de alimentos somam-se a outros fatores que determinaram o trajeto e o tempo dos deslocamentos, podendo durar dias ou décadas.

Hoje sabemos que a ocupação da América, antes da presença do colonizador europeu, recebeu várias levadas migratórias: veio gente da Ásia, atravessando o Estreito de Bering até o Alasca; veio gente da Europa cruzando o Oceano Atlântico, cujo destino foi o Sudeste dos Estados Unidos, e veio gente até do Pacífico, desembarcando na costa da América do Sul e caminhando até o Brasil Central.

Sobre a ocupação da Amazônia, especificamente, na região de Carajás, os primeiros homens exploraram a diversidade do lugar por volta de 11.000 e 4.000 A.P. (Antes do Presente), pois datações recentes da Fundação Casa da Cultura de Marabá no sítio Caverna Cupim (Parauapebas-PA) falam da presença de pequenos grupos já em 11.245 A.P., vivendo da caça, pesca, coleta de frutos e raízes, em um ambiente bem diferente da floresta que temos hoje. Naquela época, o território era predominantemente de savanas, que com mudanças climáticas tornaram-se florestas.

Amostras de resíduos de plantas, animais e solo confirmaram a diversidade dos hábitos desses indivíduos, que num longo processo estabelecido a partir das experiências com o ecossistema amazônico construíram sociedades mais ou menos complexas, com divisão de tarefas e práticas culturais que persistem até os nossos dias.

#### **O cotidiano na Amazônia antes dos portugueses: artefatos milenares revelam como era a vida naquele período**

Os objetos nascem da criatividade dos homens para atender suas necessidades ou desejos do cotidiano. Considerando que a Arqueologia interpreta os povos a partir dos objetos por eles deixados, é possível afirmar que desde o passado longínquo, a diversidade desse território colabora para que pensemos na Amazônia como um grande mosaico de culturas.

Em alguns sítios arqueológicos da região foram encontrados artefatos de diferentes materiais e períodos. O sítio arqueológico Caverna da Fogueira Encantada (Parauapebas-PA), por exemplo, traz datações de povos muito antigos, desde caçadores-coletores (9.680 e 8.810 A.P.) até ceramistas (1530, 1560 e 935 A.P.). A região



tem revelado objetos como pontas de lança em pedra lascada, machados em pedra polida, objetos feitos de ossos, utensílios em cerâmica concebidos a partir de diferentes técnicas, finalidades e modelos.

Esta herança acaba por confirmar o uso da criatividade a serviço da sobrevivência. Ao olharmos com mais atenção os detalhes impressos nas peças, vemos um mundo se descortinando pelas diferentes tecnologias aplicadas na confecção desses objetos, reflexo de sociedades complexas que se desenvolviam a partir do contato com o meio ambiente e o intercâmbio com outros povos.

Detentores de saberes apreendidos ao longo das centenas de anos de ocupação da Amazônia, esses povos transmitiam às novas gerações a sabedoria que vinha do contato com o meio ambiente. Fonte de recursos, a mata lhes fornecia desde os remédios para curar as mais diversas enfermidades, até adereços para festas e rituais religiosos.

Assim, o ecossistema amazônico transformou-se no berço da domesticação de espécies utilizadas até os nossos dias. Ao visitarmos uma feira podemos notar a permanência da sabedoria popular com costumes que remontam as práticas vividas pelos “habitantes da floresta”. Um dos exemplos marcantes da tradição que remonta aos primórdios da ocupação humana neste território são as roças de mandioca, base da dieta da maioria dos primeiros povos a se fixarem na região e que permanecem até o presente como um dos alimentos mais consumidos na Amazônia.





### **Caçadores-pescadores-coletores: o início da trajetória do homem na Amazônia**

Dentre as várias teorias ligadas à ocupação do homem na Amazônia, a de maior destaque defende que os primeiros grupos humanos a chegarem à região eram de origem asiática, eram nômades e sobreviviam da caça e coleta.

No esforço de sobrevivência, os homens daquele tempo desenvolveram uma série de estratégias para seguir em frente no processo de ocupação do que hoje chamamos de território amazônico, com sua biodiversidade e multiculturas.

Em constante movimento, seguiam em pequenos grupos explorando e modificando o ambiente a sua volta. Muitas paisagens que à primeira vista parecem não ter sofrido qualquer tipo de intervenção humana foram palco do nascimento e extinção de sociedades.

Sabemos que a presença humana na região de Carajás gira em torno de 11.000 anos, entre as pesquisas arqueológicas da Fundação Casa da Cultura de Marabá destacamos o Sítio Caverna da Passagem (Parauapebas-PA), que remonta a povos caçadores-coletores e apresenta datações de 7.255, 9.030 e 9.130 A.P., já o sítio arqueológico conhecido como Gruta do Piquiá (Parauapebas-PA) apresenta datação de 9.000 anos A.P. Os vestígios encontrados nesses sítios constituem-se, sobretudo, de sementes, carvão, objetos de pedra lascada e material faunístico (vestígios de animais).

A partir do estudo desses elementos podemos ter uma noção da dieta dos grupos que frequentaram esses locais. A alimentação constituía-se basicamente por mamíferos, répteis, aves, moluscos, peixes e crustáceos, reforçando a ideia de uma dieta variada oriunda dos deslocamentos desses caçadores-coletores que também pescavam. Tais análises confirmaram que todos os tipos de ambientes na Serra dos Carajás eram explorados por esses grupos, afinal, caminhar sempre foi necessário!

### **Ceramistas-agricultores: novas tecnologias, o futuro da nossa cultura nasce de velhos saberes**

Os desafios do cotidiano na floresta não diminuiriam o impulso desses povos avançarem em direção às relações cada vez mais complexas com o meio. O contato entre diferentes grupos gerou confrontos, mas também possibilitou o intercâmbio de experiências que se materializaram no surgimento de novas culturas.

Por volta de 8000 A.P., as populações estabelecidas em áreas quase sempre próximas de fontes de água potável (rios e igarapés) começaram a fabricar cerâmica e intensificar o processo de domesticação de algumas plantas, como pupunha e mandioca.

Traço cultural marcante dos povos sedentários, a fabricação de artefatos em cerâmica é marcada pela

variedade de técnicas e padrões estéticos que variam de acordo com a região e cultura de cada grupo. A variedade de padrões cerâmicos chama a atenção dos arqueólogos, devido à diversidade de produção cerâmica encontrada na Amazônia.

Nesse contexto de diversidade cultural que propiciou uma variedade de padrões estéticos, podemos identificar no Sul e Sudeste do Pará a presença de técnicas, como o corrugado, digitado, entalhado e o pintado (preto, branco e vermelho), confirmando que os ceramistas-agricultores também contribuíram para o processo de formação do patrimônio cultural amazônico, traduzido em objetos, culinária e costumes, o que permite imaginar a saga pela sobrevivência desses indivíduos ao iniciarem uma longa caminhada e nos deixaram a maior das heranças: as contribuições para nossa identidade!

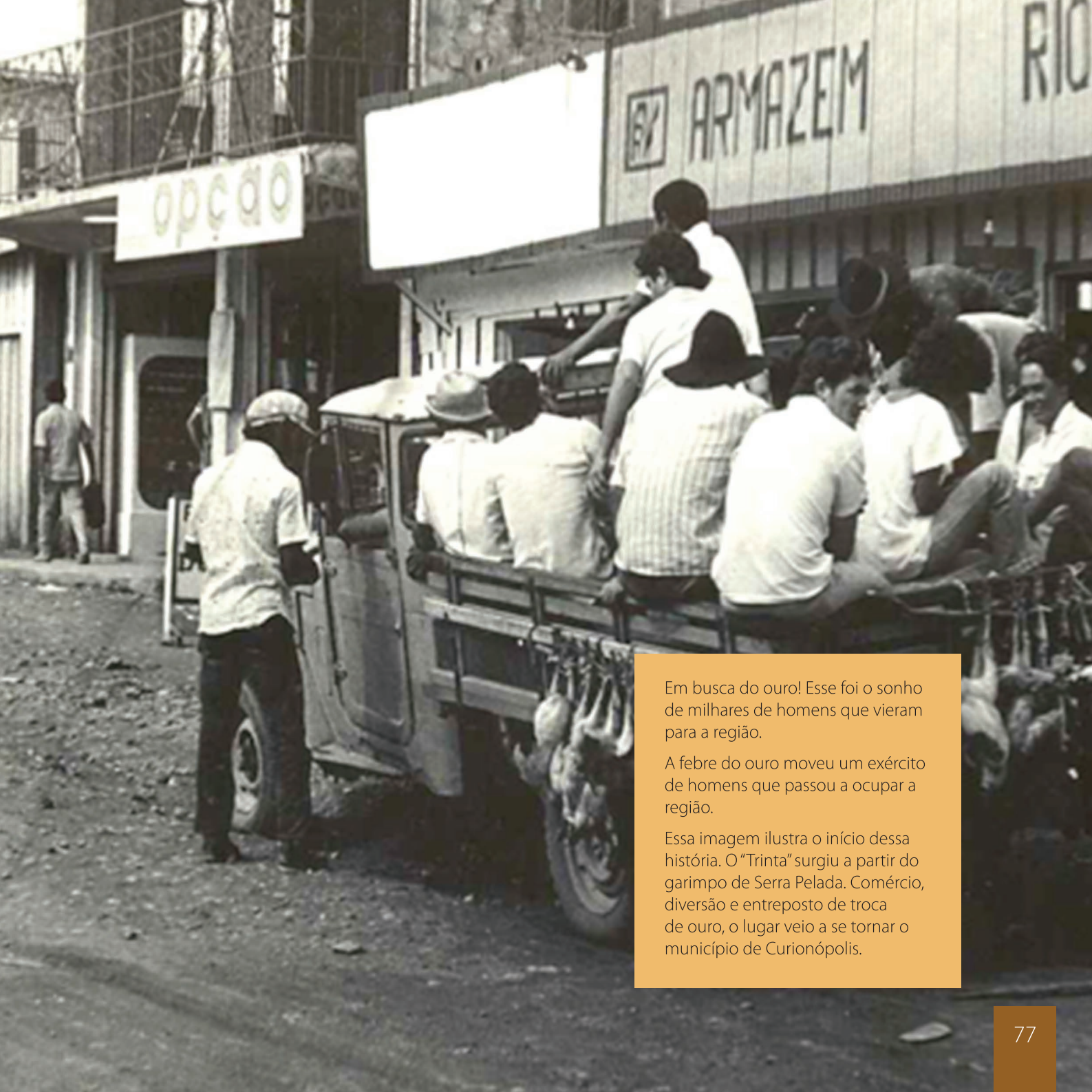
### **Avançando no tempo e continuando o processo de ocupação da região, alcançamos Curionópolis e Serra Pelada**

Localizado no sudeste paraense, mais precisamente na microrregião de Parauapebas, Curionópolis é um município jovem que teve sua emancipação em 10 de maio de 1988. Seus primeiros habitantes chegaram no início da década de 1970, mas em pouco tempo o território que se tornaria o município já contava com milhares de habitantes, graças ao surgimento do garimpo de Serra Pelada, que trouxe um número gigante de gente de diversas partes do Brasil durante a década de 1980 para a região.

Até a década de 1960 não existia estrada na área, por isso, os povoados mais antigos surgiram às margens dos rios, principalmente do Tocantins, do Araguaia e do Itacaiúnas. Apenas com os projetos de povoamento desenvolvidos pela Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) foram construídas as primeiras estradas e alguns dos grandes empreendimentos da região.

O Programa Grande Carajás (PGC) foi um importante marco econômico e estrutural para a região, haja vista que ainda durante seu processo de implantação na década de 1970, foi construída a Rodovia PA-275, que ligou a PA-155 à Serra dos Carajás, para viabilizar o transporte de pessoas e equipamentos necessários para a exploração da mina. A acessibilidade proporcionada pelas estradas, a oferta de emprego em Carajás e nas fazendas que se formavam, atraiu muita gente para a região.

Às margens da PA-275, no km 30, o casal João Patrocínio da Costa (conhecido como João Mineiro) e Maria das Graças Costa (conhecida como Dona Graça), que trabalhavam na fazenda do senhor Sebastião Nunes, recebiam frequentemente viajantes à procura de comida. Foi então que decidiram construir um barracão e nele fornecer alimentação para aqueles, que em sua maioria, buscavam emprego em Carajás. Aos poucos, nesse local, foi se formando o povoado que deu origem a Curionópolis.



Em busca do ouro! Esse foi o sonho de milhares de homens que vieram para a região.

A febre do ouro moveu um exército de homens que passou a ocupar a região.

Essa imagem ilustra o início dessa história. O “Trinta” surgiu a partir do garimpo de Serra Pelada. Comércio, diversão e entreposto de troca de ouro, o lugar veio a se tornar o município de Curionópolis.



Com a descoberta do ouro em Serra Pelada, e após algumas proibições implementadas no garimpo, muitos dos aventureiros usavam aquele ponto da estrada para tentar entrar clandestinamente no garimpo. Além disso, o povoado que se formava no km 30 passou a abrigar as famílias dos trabalhadores, haja vista que era proibido seu acesso à área do garimpo. Contudo, o “Trinta” ficou famoso principalmente por conceder diversão àqueles que se exauriam nos barrancos do garimpo ao longo da semana.

### **Mas como surgiu Serra Pelada?**

Acharam Ouro na Fazenda Três Barras! É pra lá que eu vou! O sonho do Eldorado nasce pros lados de uma Serra! Durante o auge dos garimpos de diamante e cristal em Marabá, Pará, vieram muitos garimpeiros para a região. No entanto, após o declínio desse comércio muitos desses trabalhadores permaneceram nas redondezas trabalhando na coleta de castanha ou em fazendas. No verão se aventuravam nos rios, com a esperança de encontrar novas jazidas minerais.

Quando surgiram rumores sobre a existência de ouro na propriedade dos Naves, o antigo garimpeiro de cristal, Aristeu, começou a pesquisar nas grotas da Fazenda Três Barras de propriedade do Sr. Genésio. Em janeiro de 1980, Genésio levou a Marabá parte do material encontrado por Aristeu, e após a análise de Pedro Rocha confirmou-se a presença de ouro.

Em fevereiro de 1980, Pedro Rocha (que ficou conhecido como Pedro Bamburrado) encontrou em uma grota (que passou a se chamar Grota Rica) o maior depósito de ouro que já havia visto em todos os seus 25 anos de garimpagem. Após a descoberta de Pedro Rocha Bamburrado, os funcionários da fazenda deixaram vaziar a notícia, e em 72 horas já havia mais de 200 homens esperando a autorização de Genésio para começarem a garimpagem na tal grota.

Em março de 1980, Nascimento Gomes (maranhense, residente em Itupiranga, Pará) insatisfeito com a produção obtida nas grotas deixou seus colegas e subiu uma serra. A argila grudada nas raízes de uma pequena árvore que estava caída lhe chamou atenção, e ao lavá-la encontrou três lindas pepitas de ouro. Em poucos dias, a Serra Pelada, chamada assim por causa da vegetação escassa, já estava fervilhando de garimpeiros, pois cerca de 10 mil aventureiros já ocupavam o local.

### **A rotina no garimpo: uma história e milhares de rostos cobertos de lama e esperança**

Vai começar mais um dia no garimpo. Ainda é madrugada e o “Cuca” já ferve água para o café. Hoje, o desjejum vai ter abacate, “quarentão” e “farofa de carne”. São quatro e meia da manhã, o sol ainda nem raiou e de barriga cheia me apresso para descer até a cava. A essa hora, as escadas não estão apinhadas, assim,



# BREVE HISTÓRICO DE SERRA PELADA

## 1980

### **Janeiro**

Foi encontrado por Aristeu na Fazenda Três Barras (de propriedade do Sr. Genésio) as primeiras fagulhas do material identificado como ouro pelo experiente garimpeiro Pedro Rocha.

### **Fevereiro**

No retorno da casa do Genésio, ainda nos limites da Fazenda Três Barras, Pedro Rocha parou em um riacho para beber água e ali descobriu o garimpo que ficou conhecido como Grotá Rica. Grotá Rica foi o garimpo de ouro com maior expressão na região até a descoberta de Serra Pelada. Também estava localizada na área da Fazenda Três Barras, se originou no leito de um rio.

### **20 de maio**

Chega à Serra Pelada o ativo participante das Forças Armadas Nacional Antiguerrilha, Sebastião Curió, enviado pelo SNI (Serviço Nacional de Informação).

### **Março**

Decorrente da grande quantidade de gente na Grotá Rica, Nascimento Gomes passou a pesquisar ouro em outros riachos da Fazenda, quando decidiu investigar uma serra que se diferenciava pela pouca vegetação. A quantidade de ouro ali encontrada atraiu milhares de garimpeiros de todo o Brasil para o local que ficou conhecido como Serra Pelada.

**12 de novembro** - Houve a primeira visita do Presidente João Figueiredo ao garimpo de Serra Pelada.

## 1983

Ápice de Serra Pelada, a produção chegou a 13.946 quilos. Mesmo assim, em outubro de 1983, João Figueiredo decide fechar o garimpo por conta do grande número de acidentes provocados pelos desmoronamentos.

## 1984

O garimpo é reaberto.

## 1992

O garimpo é fechado definitivamente e os direitos de mineração da área são devolvidos à então Companhia Vale do Rio Doce (CVRD). Contudo, após várias invasões e ter suas sondas apreendidas pelos garimpeiros, a empresa abriu mão dos direitos sobre a área e entregou aos garimpeiros.





consigo fazer mais viagens e cumpro a jornada bem mais cedo!

Com esperança no coração e o corpo cheio de lama, olho em volta e vejo meus companheiros trabalhando lado a lado de dezenas de milhares de homens que sonham com o ouro da serra. Sei que mais cedo ou mais tarde nosso barranco vai bamburrar, mas enquanto o sonho de fortuna não se torna realidade, tocamos a vida entre o sobe e desce das escadas, carregando na cabeça a terra que depois de lavada se transforma no pão de cada dia.

Meio-dia, hora do almoço, no barracão aprendemos a ser mais que irmãos, somos cúmplices de uma vida de sonhos e muitas vezes fracassos. Dos oito da turma, o “Pé de Cachorro” e o “Paulista” ainda estão “brabos”, ou seja, chegaram há pouco tempo e precisam da ajuda dos demais. Quem consegue uma vaga em Serra Pelada tem que confiar nos seus parceiros, pois seja o patrão do barranco, o apontador, o cavador, o enchedor, até o “Cuca” que prepara a comida, todos sabem das suas obrigações!

Por volta das seis da tarde, a cava começa a se esvaziar e o vai e vem de garimpeiros toma uma outra direção. Sou um dos primeiros a chegar à praça, de banho tomado, estreio o perfume francês que comprei no “Trinta”. Hoje tive sorte, o filme é com a Adele Fátima e peguei um lugar bem na frente! A praça tá lotada e antes de começar o filme, de longe vejo um dos meus companheiros numa roda de viola entoando uma música do Amado Batista. Logo que o filme acaba, os aplausos daquele exército de homens se confunde com o barulho das sandálias que os levam para os seus alojamentos.

A rotina dura do garimpo só é amenizada pelas idas ao “Trinta”. Lá nos sentimos doutores! A boemia e os amores que duram menos de uma noite nos ajudam a enfrentar as dificuldades do dia a dia. Principalmente a lembrança da terra e as pessoas que deixei pra trás por acreditar num sonho! Mas isso é o que menos importa, sou garimpeiro e nunca deixarei de ser, quem escolhe este destino é movido pela esperança!

*\*Texto inspirado no depoimento de Juvenal Costa Silva, conhecido como “Paulo da Rádio” que chegou em Serra Pelada aos 15 anos vindo do Maranhão. Homenagem da equipe de Educação Patrimonial a todos os garimpeiros da Vila de Serra Pelada.*

### **Curionópolis**

Em 20 de maio de 1980, Serra Pelada conheceu Sebastião Curió. O ativo participante das Forças Armadas Nacional Antiguerrilha na região do Araguaia foi enviado pelo SNI (Serviço Nacional de Informação) para organizar o garimpo. Há divergências sobre seu verdadeiro objetivo, mas o certo é que em pouco tempo o oficial adquiriu autoridade e a confiança dos garimpeiros a ponto de recolher todas as armas dos



trabalhadores e garantir exclusividade à Rio Doce Geologia e Mineração S/A (DOCEGEO) na segurança do garimpo e na compra do ouro.

Sob o comando de Curió, a partir de agosto, passou a ser controlada a chegada de garimpeiros e proibida a entrada de bebidas, mulheres e homossexuais no garimpo, como forma de evitar conflitos na área.

Controlados em Serra Pelada, os garimpeiros passaram a ir se divertir no “Trinta” e onde surgiram vários negócios que envolviam bebida e sexo: boates, bares, cabaré etc. “Dragão de Ouro”, “Bagdad”, “Hollywood” eram apenas algumas dentre as mais de quarenta casas de diversão que amenizavam a dura vida no barranco. As desavenças reprimidas pela rigidez das regras em Serra Pelada também eram resolvidas em Curionópolis, a consequência disso foi o alto índice de violência que tornou o vilarejo conhecido por “30” durante o dia, e “38” à noite, pois as regras eram ditadas pelo revólver calibre 38.

Em outubro de 1983, por conta da quantidade de vítimas dos desmoronamentos, o então Presidente do Brasil, João Figueiredo, decide fechar o garimpo. Contudo, em 1984, ele é reaberto e se inicia uma briga judicial que perdura até 1992, quando o governo decide não renovar a autorização de funcionamento.

Os direitos minerários da área foram devolvidos a então Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) pelo Supremo Tribunal Federal (STF) e reestabeleceu-se os direitos da estatal de pesquisa e lavra de minério de ouro. Entretanto, após algumas tentativas de sondagem, a empresa abriu mão do direito e o entregou aos garimpeiros.

A Vila de Serra Pelada, hoje distrito do município paraense de Curionópolis, é localizada no mesmo local onde se abrigavam os garimpeiros durante a lavra do ouro. Possui uma população de aproximadamente 7.350 habitantes, sendo que boa parte dos moradores são antigos garimpeiros e/ou familiares que decidiram permanecer no local. A cava onde existia o garimpo foi totalmente tomada pela água e se transformou em um



Artesanato confeccionado pelo Senhor Ivan, garimpeiro e artesão de Serra Pelada que utiliza diversos materiais para confeccionar peças que fazem alusão ao ouro e ao cotidiano do garimpo



profundo lago. Parte da Vila parece ter parado no tempo, muitas ruas e casas permanecem como eram na década de 1980.

O “Trinta”, que passou a ser chamado de Curionópolis, em homenagem a Sebastião Curió, conta com aproximadamente 17.000 habitantes e um território de 2.369,098 km<sup>2</sup>, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Apesar das mais de 50 toneladas de ouro retiradas de Serra Pelada o verdadeiro tesouro do município está na força de seus moradores que seguem a construir seu patrimônio cultural baseado na diversidade e no respeito.

### **Às margens da PA-275, o Trinta: histórias de fartura, amor, saudade e dor...**

O garimpeiro não era de ferro: a folga do garimpo se aproveitava no km 30 da PA-275. “Dragão de Ouro”, “Bagdad”, “Hollywood” eram apenas algumas dentre as mais de quarenta casas de diversão que amenizavam a dura vida no barranco, nas poucas ruas de terra vermelha batida, milhares de garimpeiros circulam num vai e vem alucinante, não era novidade os mais vaidosos pilotando os últimos modelos de carro da época.

O cinema era outro luxo que o “Trinta” oferecia aos “bamburrados”!

Mas o “Trinta” não era só esbórnica, apesar dos “cabarés” ditarem o ritmo do lugar, como era de se esperar, a violência e a diversão também conviviam com o esforço de gente que aproveitou para fazer a vida. Os comércios forneciam de tudo, pequenos serviços eram valorizados, como o do “mensageiro” que escrevia cartas para aqueles que não sabiam escrever.

Famílias aos poucos foram formadas e conviviam num ambiente de tolerância com aqueles que de fato não tinham uma vida fácil...





Ainda é possível encontrar lembranças da época do garimpo, como a pá, picareta, boroca e kichute, pendurados na parede da oficina do Senhor Ivan.



# ATIVIDADE 6

## MODOS DE VIDA NA PRÉ-HISTÓRIA

Duração da atividade: 6 aulas

### Público-alvo

Alunos do 4º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

**Tema:** Pré-história e História do Lugar

### Objetivos

Problematizar os termos História e Pré-história; conhecer como era a vida do homem no período da Pré-história, assim como as principais mudanças ocorridas no Paleolítico e Neolítico; organizar e identificar informações em quadros-síntese; produzir histórias em quadrinhos; elaborar textos; realizar leitura.

### Componentes curriculares envolvidos

Língua Portuguesa, História, Geografia e Artes.

### Recursos

Materiais didáticos variados (lápiz, papel, caneta etc.), Vídeo, Dicionário, Materiais de pesquisa como: sites de busca, livros, revistas etc.

## Metodologia

### 1) Problematizar os termos História e Pré-História

Professor, ao iniciar esta atividade deve lançar aos alunos o seguinte questionamento: Pré-história também é História?

A intenção é discutir o que significa o termo “História”, assim, será possível relacioná-lo com as propostas de conhecimento dos modos de vida do homem no período da Pré-história.

Nesse momento, pode-se solicitar aos alunos que produzam um pequeno texto falando sobre eles mesmos, isso permitirá que se tenha um registro sobre a história de cada um. Em seguida, alguns alunos, numa roda de conversa, leem seus textos para a turma toda. Na roda de conversa será discutido que a História é produzida por meio da ação do homem na Terra, e que a ação de cada um da turma é uma forma de produção dela.

Com isso, poderá levantar as seguintes questões: como foi possível sabermos sobre a história de cada um da turma? (Queremos que eles se atentem para o registro da escrita); essa é a única forma de ter conhecimento sobre a História? Caso não, digam outras formas de se conhecer a História, queremos refletir como ela pode ser contada por outros meios além da escrita (arte rupestre, oralidade, cinema, livros, internet etc.); a História só fala do passado? Ou ela também está no presente? Queremos que percebam que por meio de suas ações, diariamente produzem história individual e coletiva. Todos nós somos sujeitos produtores de História.

Discutir com os alunos o termo Pré-história, podendo refletir primeiramente sobre as estruturas das palavras Pré-história e História.

- Ao olharem as duas palavras, qual a principal diferença entre elas?  
*(Possivelmente irão se remeter ao prefixo Pré);*
- A partir da diferença detectada, o que isso influencia no entendimento sobre as duas palavras?

A partir desse momento, pode-se convidar os alunos a pesquisar no dicionário o significado do prefixo *pré*. Quando utilizamos a palavra Pré-história, queremos dizer o quê? (Com o significado do termo *pré* pesquisado, irão dizer que Pré-história seja algo antes da História).

Então, será que o período da Pré-história não houve a produção de História? O que vocês pensam sobre isso?

*Obs: Lembrar aos alunos, que mais acima foi afirmado a eles que a História é produzida por meio da ação do homem na Terra. Então, deve-se refletir com eles se existiram homens no período da Pré-história. A partir disso, é possível pensar sobre as maneiras de viver desses homens, e como produziam suas histórias.*

## **2) Exibição de Vídeo da Pré-história**

Nesse momento, como sugestão, o professor poderá exibir algum dos documentários sobre evolução humana do Discovery Channel disponíveis na internet.

A partir da exibição do vídeo, podemos estimular os alunos a observarem as características do ambiente e das pessoas. Poderão assim verificar: possíveis moradias, vestimentas, ferramentas, tipos de alimentos, formas de se conseguir os alimentos, ou seja, o modo de vida dessas pessoas.

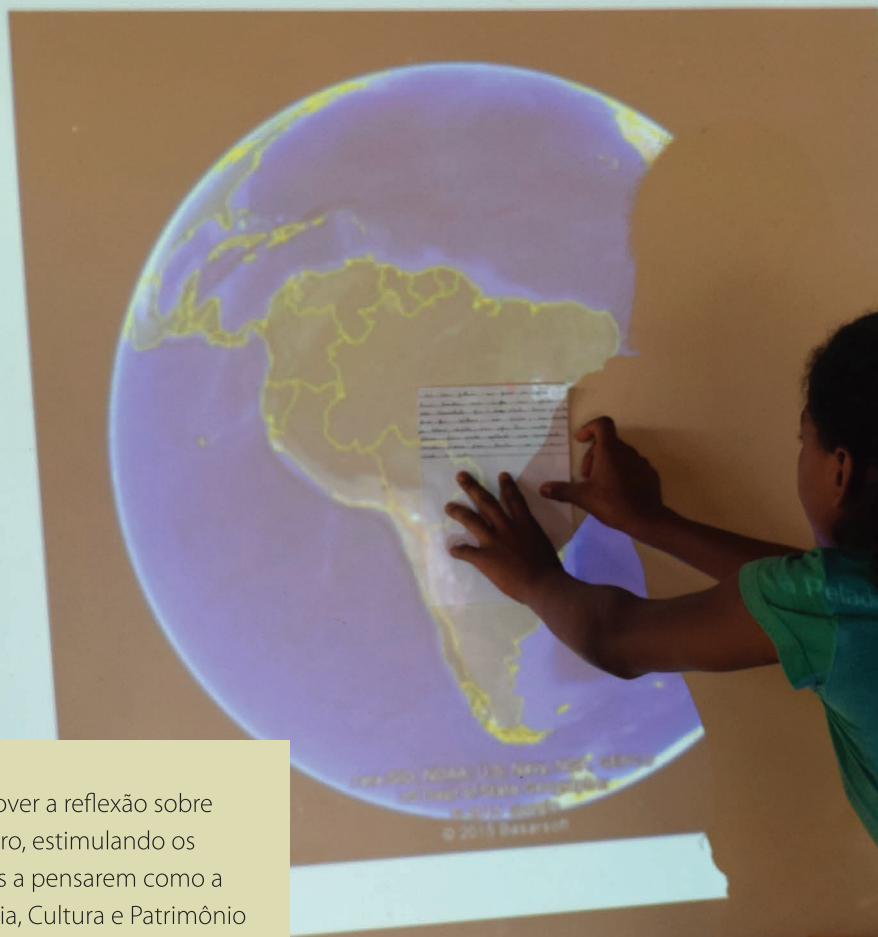
Com o vídeo é possível levantar as seguintes questões:

- O que vocês acharam de mais interessante no vídeo?
- O que esses homens faziam no seu dia a dia?
- Como faziam para conseguir alimentos? Do que costumavam se alimentar?
- Eles utilizavam ferramentas como pedaços de paus, ossos ou pedras nas suas atividades? Para que serviam essas ferramentas?
- Vocês observaram diferenças físicas entre os homens da Pré-história e os homens dos dias atuais? Quais?
- Como você acha que as mudanças no corpo do homem ocorreram? O que será que aconteceu?

A partir disso, pode-se dar início à próxima etapa do trabalho: tratar sobre as fases da Pré-história, os períodos Paleolítico e Neolítico com a intenção de observar as principais mudanças ocorridas nesses dois períodos, assim como as que ocorreram nos modos de viver do homem.



## O que você deseja para o seu futuro, e de Serra Pelada?



Promover a reflexão sobre o futuro, estimulando os alunos a pensarem como a História, Cultura e Patrimônio Cultural da região contribui para a formação de sujeitos sociais críticos em relação à realidade em que vivem.

### 3) Conhecendo o Paleolítico e o Neolítico

Nessa etapa do trabalho será descrito aos alunos as principais características de cada período – Paleolítico e Neolítico – e assim possibilitar aos discentes que entendam a trajetória do homem até se tornar o que é hoje.

*Obs: O professor pode expor as características de cada período por meio de textos, vídeos, imagens etc, mas deve realizar uma pesquisa para coletar e selecionar as informações pertinentes que irão auxiliar o trabalho com os alunos, assim como seu entendimento.*

Sugerir aos alunos que listem as principais características de cada período

	Paleolítico	Neolítico
Como conseguiam o alimento?		
Como preparavam?		
Como era a divisão do trabalho?		
Objetos		
Quais as principais descobertas?		

*Obs: Professor, você pode incluir no quadro acima outras questões para serem discriminadas pelos alunos. Sinta-se à vontade.*

A partir disso, o professor pode escolher alguns alunos para socializarem o entendimento do que foi abordado e, com a turma toda, levantar algumas questões sobre cada período, que permitam que o docente avalie se o entendimento foi alcançado e se os alunos conseguem identificar as características de cada período.

### 4) Elaboração de história em quadrinhos

Nessa etapa, os alunos serão divididos em quatro grupos. Cada grupo ficará responsável em produzir uma história em quadrinhos, em que dois grupos farão uma história sobre o período Paleolítico e os outros dois sobre o período Neolítico.

Cada grupo pode se organizar em estação de trabalho, em que os membros ficarão com funções distintas nas atividades: alguns podem fazer o roteiro da historinha; outros poderão realizar os desenhos; enquanto outros ficarão responsáveis em colorir os desenhos. Assim, todos participarão ativamente da atividade.

*Obs: Antes de iniciar a elaboração das histórias em quadrinhos, o professor deverá primeiramente elucidá-los sobre as características desse gênero textual, como o tipo de discurso utilizado nas falas dos personagens, formas de ilustração e demais propriedades estilísticas e composicionais. (Poderá apresentar aos alunos alguns quadrinhos para observarem a organização espacial e textual desse gênero)*

### **5) Socialização das histórias em quadrinhos**

Nesse momento, o professor pode solicitar que os grupos que ficaram responsáveis em elaborar as histórias sobre o período Paleolítico ofereçam aos grupos do Neolítico suas produções para realizarem a leitura e vice-versa.

Após cada grupo realizar a leitura da história em quadrinho do outro, o professor deve escolher um aluno de cada grupo para falar sobre o que leu, se entendeu, se descobriu informações novas, se gostou da leitura etc.

As histórias em quadrinhos produzidas serão incorporadas à sala de leitura/biblioteca da escola, e assim poderá ser consultada sempre que os alunos sentirem necessidade.

### **Avaliação**



A avaliação deve permear toda a atividade pedagógica do professor. Desta forma, ao longo das propostas apresentadas, o professor poderá avaliar o aluno segundo sua participação nas atividades realizadas: leitura, produção de textos, identificação de informações em quadros, criação dos textos e histórias em quadrinhos, e também o entendimento acerca da História e Pré-história.



## ATIVIDADE 7

### **GARIMPANDO MEMÓRIAS E PRODUZINDO LINHAS DO TEMPO**

Duração da atividade: 5 aulas

#### **Público-alvo**

Alunos do 4º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

**Tema:** História da região de Carajás / Amazônia

#### **Objetivos**

Refletir sobre a história da região de Carajás/Amazônia tendo como suporte a historiografia oficial em contraponto às memórias dos alunos; construir linhas do tempo; produzir textos; realizar exposições orais; trabalhar com a organização e contextualização de datas e fatos históricos; investigar sobre histórias individuais e coletivas dos alunos.

#### **Componentes curriculares envolvidos**

Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia.

#### **Recursos**

Recortes com informações sobre a história da Região de Carajás/Amazônia (construído pela equipe de Educação Patrimonial Serra Leste) para construção da linha do tempo com a historiografia oficial da região, papel A4, papel 40kg, cartolina, lápis, borracha, caneta, pincel, giz de cera, lápis de cor, corda de sisal, barbante e demais materiais para a construção de linhas do tempo.

## Metodologia

### ■ APRESENTANDO LINHA DO TEMPO AOS ALUNOS

Nesse momento, o professor deverá apresentar várias linhas do tempo para os alunos, pode usar como exemplo a linha do tempo de Serra Pelada, na p. 79 desta publicação, o que permitirá que eles conversem sobre suas características e estruturação, como:

- Organização cronológica de eventos históricos;
- Verificação de mudanças ocorridas entre os períodos históricos;
- Espaçamento entre as datas;
- Utilização de números e letras;
- Informes de dados por meio de textos curtos.

### ■ CONSTRUINDO A LINHA DO TEMPO DE CARAJÁS/AMAZÔNIA: historiografia oficial da região

Professor, para esta atividade você terá como suporte a linha do tempo construída pela Equipe de Educação Patrimonial do Projeto Serra Leste, nela você irá encontrar informações – organizadas – acerca do povoamento da Amazônia, conforme abaixo:

• **Povoação da Amazônia (12.500 anos Antes do Presente)** – vindos da Ásia, chegaram à Amazônia o que seriam seus primeiros habitantes. Estes teriam atravessado da Ásia para a América por uma ponte de gelo que se formou durante a última Era Glacial, num trecho do oceano entre a Sibéria e o Alasca. Importante lembrar que esse processo de caminhada da Ásia à Amazônia foi realizado por várias gerações. Uma única geração não daria conta de percorrer tal distância.

• **Primeiros Habitantes de Carajás (11 mil anos Antes do Presente)** – os primeiros habitantes da região de Carajás chegaram há 11 mil anos antes do presente. Organizados em pequenos grupos de 20 a 40 indivíduos, viviam da caça e da coleta de frutos. Abrigavam-se principalmente em cavernas e suas ferramentas eram produzidas em pedra lascada à base de quartzo e arenito.

• **Chegada dos Tupi-guarani (2.500 anos Antes do Presente)** – organizados em grupos de 100 a 1.000 indivíduos por aldeia. Os tupi-guarani eram grupos sedentários que se instalaram na região por volta de

2.500 anos antes do presente. Praticavam agricultura de coivara e produziam utensílios de cerâmica, além de ferramentas e armas em pedra polida.

• **Povos Gê (1.600 anos Depois de Cristo)** – a chegada dos portugueses no litoral brasileiro em 1500 desencadeou uma imigração em massa para o interior das florestas. O deslocamento fez com que os povos Gê chegassem e ocupassem o que hoje conhecemos como Sul e Sudeste paraense.

• **Calos Gomes Leitão (1894 anos Depois de Cristo)** – fugindo dos conflitos políticos da cidade de Boa Vista, Goiás, em 1894 o Coronel Carlos Gomes Leitão se instalou abaixo da foz do Rio Itacaiúnas. Onde, com seus correligionários, fundou o Burgo do Itacaiúnas, um marco para um novo processo de povoamento da região que originou a cidade de Marabá.



• **Caucho (1900 a 1919 anos Depois de Cristo)** – a descoberta do Caucho (árvore produtora de látex), alavancou a economia regional e marcou o primeiro ciclo econômico da região. Tendo duas etapas, a segunda ocorreu durante a II Guerra Mundial, por isso, seus trabalhadores ficaram conhecidos como SOLDADOS DA BORRACHA.

• **Castanha-do-pará (1920 a 1970 anos Depois de Cristo)** – valorizada inclusive pelo mercado internacional, a Castanha-do-pará foi o mais longo e um dos principais ciclos econômicos da região. Por conta da malária e do aviamento, muitos castanheiros morreram sem conseguir pagar a dívida do seu alimento.

O Castanheiro, do pintor marabaense Domingos Nunes (Acervo da Pinacoteca da FCCM), retrata uma das etapas do trabalho de extrativismo da Castanha-do-pará: o momento do corte do ouriço. Durante a coleta, o castanheiro depositava os ouriços fora do perímetro do castanhal, para que no momento do corte não corresse o risco de ser atingido por outro que viesse a cair. Abrir os ouriços nesse momento era necessário, pois reduzia o volume e o peso, facilitando o transporte.



- **Diamante (1926 a 1960 anos Depois de Cristo)** – mineral raro e extremamente valioso, o diamante foi descoberto na região em 1926. Vislumbrados com a possibilidade de riqueza e munidos de escafandro, garimpeiros se aventuravam no fundo do sedutor Tocantins.
- **Cristal de Rocha (1939 a 1960 anos Depois de Cristo)** – utilizado na composição de alguns aparelhos de comunicação, o Cristal de Rocha teve seu ápice durante a II Guerra Mundial. Porém, perdeu importância ao ser substituído por cristais sintéticos.
- **Madeira (1960 a 1990 anos Depois de Cristo)** – somada à Lei Estadual de Aforamento Perpétuo dos Castanhais (1954), a queda no valor da castanha atraiu centenas de madeireiras.
- **Pecuária (a partir de 1960)** – o mercado consumidor de carne em Belém motivou muitos dos antigos donos de castanhais a trocarem suas florestas por capim. O interesse pela criação de gado intensificou a busca e a luta por terras na região.
- **Guerrilha do Araguaia (1972 a 1975)** - a Guerrilha do Araguaia foi um movimento armado desencadeado na região paraense de São Geraldo do Araguaia, entre 1972 e 1975. Organizado por membros do Partido Comunista do Brasil (PC do B) tinha como principal objetivo a derrubada do Regime Militar vigente no Brasil desde 1964. O combate armado em forma de guerrilha rural mobilizou 69 militantes do Partido e cerca de 20 moradores do Bico do Papagaio. Como a censura da ditadura não permitia a imprensa divulgar o acontecimento, muitos dos brasileiros, mesmo moradores da região, só ficaram sabendo da guerrilha após o seu fim. O episódio deixou 70 desaparecidos, além de sequelas físicas e psicológicas àqueles que foram submetidos à tortura pelos militares.
- **Ouro (1980 a 1983)** – a busca pelo Eldorado trouxe dezenas de milhares de homens de todo o Brasil. O formigueiro humano parou cidades e moveu montanhas. A Serra Pelada se viu vestida de gente e de lama. A partir de 1987 houve uma queda significativa no volume do ouro extraído, culminando com o fechamento do garimpo em 1992.
- **Massacre de São Bonifácio (1987)** – em Marabá, a 29 de dezembro de 1987, os garimpeiros de Serra Pelada ocupavam a ponte sobre o Rio Tocantins em protesto e reivindicação pela reabertura do garimpo quando foram cercados pela Polícia Militar e Exército Brasileiro. Encurralados e atacados de ambos os lados muitos dos protestantes, em tentativa de fuga, se jogaram da ponte. Segundo os dados oficiais, o conflito deixou nove mortos. No entanto, os garimpeiros acreditam em um número muito maior.

• **Ferro (a partir de 1985)** – a partir de 1985, a descoberta de ferro na Serra dos Carajás e o desejo de explorá-lo deu início ao Projeto Grande Carajás, responsável pela construção de importantes obras de infraestrutura na região, como a Hidrelétrica de Tucuruí e a Estrada de Ferro Carajás.



Inauguração da Estrada de Ferro Carajás, 1985  
(Autor desconhecido)

• **Siderurgia (a partir de 1987)** – em 1987 inaugurou-se o Parque Industrial de Marabá, beneficiando uma pequena parte do minério produzido em Carajás, desde o surgimento se tornou uma importantíssima fonte de emprego.

#### ■ ELABORAÇÃO DA LINHA DO TEMPO

Professor, organize o espaço em sua sala para que a linha do tempo acima seja posta de maneira organizada, se possível utilize uma das paredes laterais para isso.

Nesta atividade você irá trabalhar somente as informações contidas na linha do tempo da historiografia oficial da região (construída pela equipe de Educação Patrimonial), então, ao organizar a linha do tempo

1980

### DESCOBERTA DO OURO EM SERRA PELADA

Uma das versões conta que em 1980 um vaqueiro que trabalhava na fazenda de propriedade do senhor Genésio encontrou uma pepita de ouro num local batizado de "Gruta Rica". Em menos de três meses, mais de trinta mil homens chegaram e se instalaram na região, eles logo encontraram outros depósitos de ouro e avançaram rapidamente para uma região próxima, que ficou conhecida como Serra Pelada. Esses homens montavam suas barracões onde havia espaço e sob lei rígida ditada ali mesmo se embrenhavam no meio de lama em busca do metal precioso.

1981

### APOGEU DO GARIMPO

- Na rocha primária, o diamante era feito sob a forma de bancadas para evitar desmoronamentos. Apesar disso, as frentes de trabalho dos garimpeiros, por eles denominadas de Babilônia 1 e Babilônia 2, foram diversas vezes interditadas para que se fizessem rebassamentos na cava do garimpo.
- A terra retirada no garimpo era carregada em sacos nos ombros e a escavação se fazia com pás e picaretas. O garimpo teve seu auge em 1983. Segundo registros oficiais, só naquele ano foram retiradas 14 toneladas de ouro. Na época, 100 mil homens escavavam a cava aberta à mão com a esperança "bamburrar".

1985

### COMEÇA O DECLÍNIO DO GARIMPO

- "Tão" é o posto mais profundo de Serra Pelada, dali saíram toneladas de ouro. Em 1985, chegamos à sociedade com 190, o buraco ficou muito fundo pelas autoridades.

1988

### EMANCIPAÇÃO DE CURIONÓPOLIS

- Depois de muitos tentativas logo em 1988 Curionópolis e Paranaipetras são emancipados do Município de Marabá. Por consequência, Serra Pelada atualmente é Distrito de Curionópolis.

1992

### ENFRAQUECIMENTO DO GARIMPO

- Após o auge na década de 80, a produção em Serra Pelada diminuiu, só menos de 250 quilos de ouro foram produzidos em 1990. Em 1992, a mina foi fechada oficialmente com um decreto do ex-presidente Fernando Collor. Hoje em dia a cava do garimpo tem uma profundidade está chegando a 100 metros.

2007  
UM AMBISTANTE!  
PRIMEIRO E ESTAVA!  
MORAR NA CASA DA MAMA  
MOM!



deixe um espaço para que os alunos continuem dando prosseguimento a sua estrutura, agora com informações sobre suas histórias de vida. Assim sendo, poderemos visualizar se conseguem organizar as datações e informações de acordo com as orientações.

Outra observação será a possibilidade da história ser contada por uma versão diferente da historiografia oficial, a dos alunos, permitindo que eles se enxerguem como agentes construtores da História.

*Obs: Professor, a partir das informações contidas na linha do tempo, sugerimos que pesquise sobre cada uma delas. Assim terá possibilidades de se aprofundar nas discussões e direcioná-las aos perfis de ensino e aprendizagem de seus alunos.*

## ■ REGISTRANDO MINHA HISTÓRIA: LINHA DO TEMPO DOS ALUNOS

Nesta atividade, os alunos irão construir suas próprias linhas do tempo.

### **1) Coleta de informações**

Sugira para as crianças que pesquisem, junto aos seus familiares, os acontecimentos mais marcantes da vida deles, ressaltando as datas em que ocorreram, no período entre o seu nascimento até os dias de hoje.

### **2) Construção da linha do tempo individual do aluno**

Professor, auxilie seus alunos a construírem suas linhas do tempo a partir das informações coletadas com seus familiares. Nesse momento você deverá resgatar algumas informações sobre a estruturação da linha do tempo trabalhada no item “Apresentando linha do tempo aos alunos” (p. 91).

Munidos das informações coletadas, cada aluno irá montar sua linha do tempo individual.

### **3) Integração das informações trazidas pelos alunos na linha do tempo organizada pelo professor**

Nessa etapa, os alunos irão adicionar à linha do tempo organizada pelo professor (da historiografia oficial da região de Carajás) as informações coletadas sobre suas histórias de vida.

Professor, solicite para seu aluno que dentre as informações trazidas de sua casa, que selecione uma. Essa informação será aquela que o aluno julga a mais importante da sua história de vida.

A informação selecionada será a que irá compor a linha do tempo geral – historiografia da região e história dos alunos – assim todos terão a oportunidade de deixar seu registro na atividade.

## ■ SOCIALIZAÇÃO E ANÁLISE DA LINHA DO TEMPO

Exposição dos alunos: os alunos irão apresentar as informações selecionadas acerca de sua história. De forma breve, falarão sobre a importância daquele acontecimento para sua vida e sobre as lembranças que tem dele.

Análise da linha do tempo: os alunos poderão comparar suas informações com as de seus colegas, como: Quem é mais velho? Quem é mais novo? Quem tem histórias semelhantes? O que descobriram sobre seus colegas?

## ■ CONTEXTUALIZANDO AS INFORMAÇÕES

Professor, nesse momento você poderá iniciar uma atividade de pesquisa com seus alunos. Peça a eles que procurem informações de fatos históricos que aconteceram no Brasil e no mundo e os oriente a relacionar com as datações postas na linha do tempo produzida pelos alunos. Assim, eles terão a oportunidade de observarem que no período que estava acontecendo algo importante em suas vidas, também acontecia fatos importantes no Brasil e no mundo.

## Avaliação

Observar se os alunos:

- ✓ Compreenderam as características de uma linha do tempo;
- ✓ Conseguiram construir suas linhas do tempo de acordo com as orientações;
- ✓ Entenderam os assuntos tratados sobre a história da região de Carajás;
- ✓ Contextualizar suas histórias com os fatos ocorridos no Brasil e no mundo;
- ✓ Reconheceram-se como sujeitos que participam dos processos de construção histórica;
- ✓ Nível de produção textual, de leitura e de apresentação oral de sua história.

## ATIVIDADE 8

### MINHA CIDADE, MEU LUGAR

Duração da atividade: 7 aulas

#### Público-alvo

Alunos do 4º ao 9º ano do Ensino Fundamental

**Tema:** História do lugar.

#### Objetivos

Refletir sobre a história do lugar, produzir textos, trabalhar o gênero textual entrevista, realizar exposição oral, refletir sobre o futuro do lugar em que vive.

#### Componentes curriculares envolvidos

Língua Portuguesa, História e Geografia.

#### Recursos

Vídeos: “Garimpendo Memórias – Curionópolis” e “Garimpendo Memórias – Serra Pelada”, Materiais para a realização da entrevista e produções textuais (lápiz, caneta, caderno, blocos de anotações etc.) e texto “A Menina do Vestido Azul”, de autor desconhecido.



## Metodologia

Você pode utilizar um texto ou imagens que contem a história do lugar. Em seguida, organizar uma roda de conversa onde desenvolva uma discussão sobre tal temática.

### ■ O QUE SEI SOBRE O LUGAR ONDE VIVO?

Nessa atividade, você pode solicitar aos seus alunos que produzam um texto, onde irão versar sobre o que sabem acerca da história de sua cidade ou localidade, como vivem naquele lugar, qual sua relação com o lugar etc.

#### 1) Conhecendo um pouco mais sobre a minha cidade e o meu lugar

Professor, nessa atividade você irá trabalhar com seus alunos o gênero textual “entrevista”. Informe para seus alunos que nessa etapa da atividade, eles irão coletar informações sobre a época de surgimento da cidade ou lugar em que vivem. Para isso, precisarão entrevistar moradores antigos para colher essas informações. Você pode dividir os alunos em grupos para esta atividade.

#### 2) Trabalhando o gênero textual “entrevista”

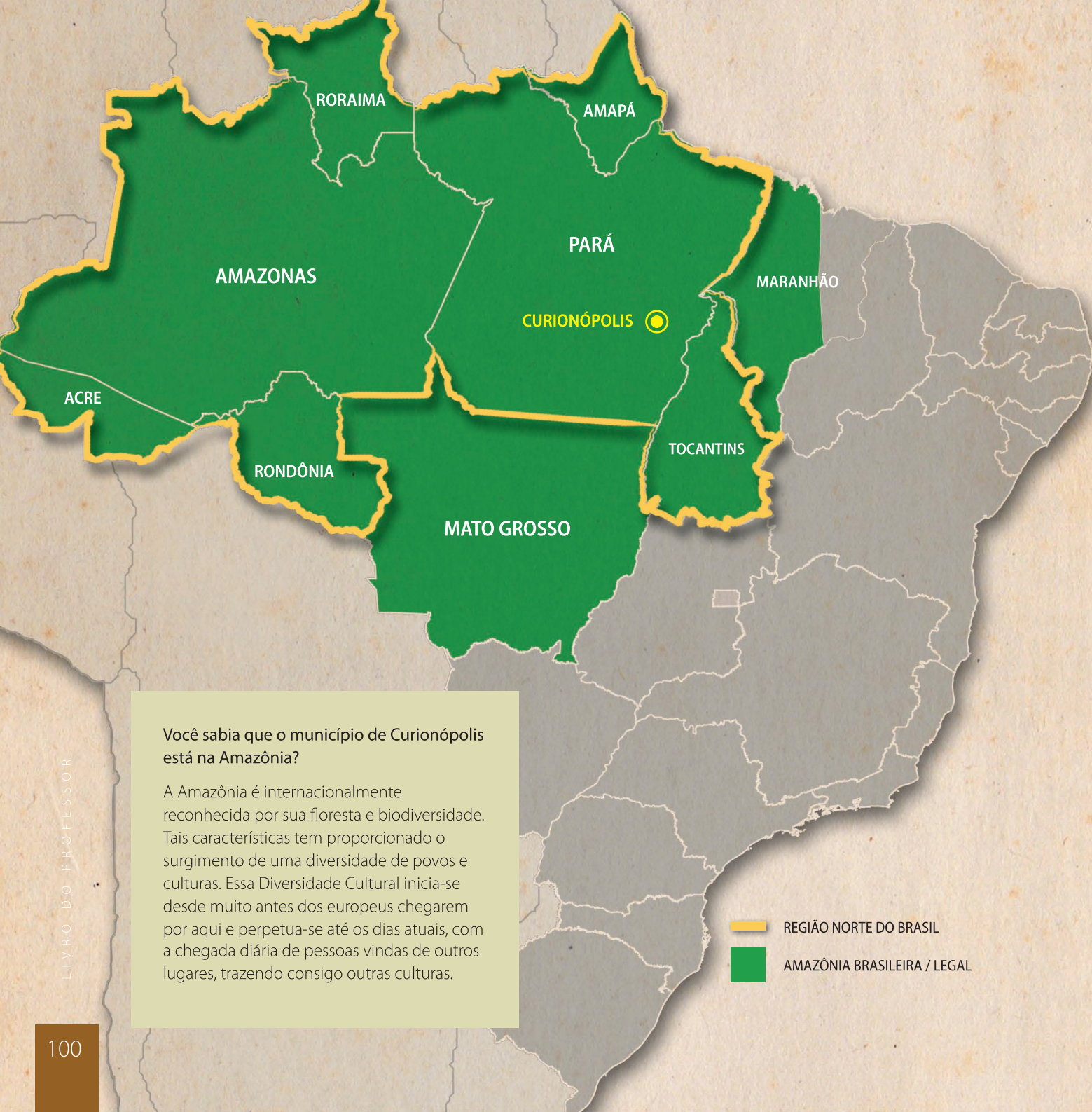
*Obs: Antes dos alunos começarem a realizar as entrevistas com os moradores antigos, é importante que você trabalhe com eles as propriedades estilísticas e composicionais desse gênero textual. Então, deve abordar com eles:*

- Tipo de texto do gênero textual entrevista;
- Qual é a finalidade de uma entrevista;
- Como elaborar perguntas;
- Como e onde registrar as respostas etc.

Para essa atividade você poderá organizar com seus alunos um roteiro de perguntas para direcionar a entrevista.

#### 3) Desenvolvimento da entrevista

Os alunos poderão entrevistar seus familiares que viveram na época de surgimento do lugar. Nesse momento, além das perguntas, poderão colher fotografias e outros tipos de registros para enriquecer seu acervo de informação.



**Você sabia que o município de Curionópolis está na Amazônia?**

A Amazônia é internacionalmente reconhecida por sua floresta e biodiversidade. Tais características tem proporcionado o surgimento de uma diversidade de povos e culturas. Essa Diversidade Cultural inicia-se desde muito antes dos europeus chegarem por aqui e perpetua-se até os dias atuais, com a chegada diária de pessoas vindas de outros lugares, trazendo consigo outras culturas.

REGIÃO NORTE DO BRASIL

AMAZÔNIA BRASILEIRA / LEGAL

#### 4) Resultados da entrevista

Nesse momento, os alunos irão apresentar o que conseguiram coletar sobre a história do lugar: Quais foram as principais descobertas? Quem foram os entrevistados? Como era a vida naquela época? E quais as mudanças no espaço geográfico ocorridas no lugar?

*Obs: Os alunos devem refletir sobre o antes e o depois do lugar em que vivem, que mudanças ocorreram, como era o lugar antes deles nascerem etc.*

Professor, para a exposição dos resultados da entrevista você poderá solicitar a seus alunos que apresentem de várias formas, por meio de relatórios, desenhos com histórias em quadrinhos, seminário, poemas, músicas etc.

#### ■ COMO VEJO MEU LUGAR? O QUE POSSO FAZER PARA MELHORÁ-LO?

Nesta atividade, irão identificar os problemas do lugar e projetar as soluções necessárias, mas estas feitas por eles. Então, incentive seus alunos a pensarem também em problemas, e como, de alguma forma, podem contribuir para sua resolução.

Para uma melhor reflexão sobre lugar, sugerimos a leitura do texto “A Menina do Vestido Azul”<sup>14</sup>, de autor desconhecido.

A leitura conta a história de uma pequena garota que mesmo muito bonita andava sempre suja e desarrumada. Seu professor então resolveu dar-lhe de presente um lindo vestido que faria jus a sua beleza, e, a partir daí, tudo ao redor da menina se transformou para a melhor. A moral da história vem da reflexão que, por meio de nossas atitudes, por menores que sejam, podemos mudar e melhorar nosso ambiente e contribuir para a construção de um lugar cheio de beleza, igual a menina da história.

#### ■ RODA DE CONVERSA SOBRE A LEITURA

O professor deve refletir com os alunos sobre as mudanças ocorridas no espaço a partir da atitude tomada por um personagem da história, este tido como exemplo pelos demais.

---

<sup>14</sup> O texto A Menina do Vestido Azul está no final do texto da atividade, na p. 103.



Solicitar aos alunos que detectem as principais problemáticas do lugar onde vivem.

Os alunos poderão listar alguns problemas presentes em sua realidade, atividade importante para incentivá-los a olhar seu entorno de forma crítica e assim ter condições de refletir sobre eventuais soluções.

### **CONSTRUINDO MEU LUGAR**

Nessa etapa da atividade os alunos, por meio de textos, irão expor o que querem que mude no lugar em que vivem e como poderão contribuir para que isso aconteça.

No momento de socialização da atividade, os alunos apresentarão como pensam em contribuir para a melhoria do espaço onde vivem. Também irão relatar suas principais considerações sobre o assunto abordado nas atividades.

### **Avaliação**

A avaliação deverá ocorrer durante todo o processo de desenvolvimento das atividades propostas pelo professor. Observando principalmente:

- Entendimento acerca do assunto abordado;
- Participação nas atividades de exposição oral.

## **ANEXO: A Menina do Vestido Azul**

*(Autor desconhecido)*

*Num bairro pobre de uma cidade distante, morava uma garotinha muito bonita. Ela frequentava a escola local. Sua mãe não tinha muito cuidado, e a criança quase sempre se apresentava suja. Suas roupas eram muito velhas e maltratadas.*

*O professor ficou penalizado com a situação da menina. “Como é que uma menina tão bonita, pode vir para a escola tão mal arrumada?”*

*Separou algum dinheiro do seu salário e, embora com dificuldade, resolveu comprar-lhe um vestido novo. Ela ficou linda no vestido azul.*

*Quando a mãe viu a filha naquele lindo traje, sentiu que era lamentável que sua filha, vestindo aquela roupa nova, fosse tão suja para a escola.*

*Por isso, passou a lhe dar banho todos os dias, pentear seus cabelos e cortar suas unhas. Quando acabou a semana, o pai falou:*

*- Mulher, você não acha uma vergonha que nossa filha, sendo tão bonita e bem arrumada, more em um lugar como este, caindo aos pedaços? Que tal você ajear a casa? Nas horas vagas, eu vou dar uma pintura nas paredes, consertar a cerca e plantar um jardim.*

*Logo, a casa destacava-se na pequena vila pela beleza das flores que enchem o jardim, e o cuidado em todos os detalhes.*

*Os vizinhos ficaram envergonhados por morarem em barracos feios e resolveram também arrumar as suas casas, plantar flores, usar pintura e criatividade. Em pouco tempo, o bairro todo estava transformado.*

*Um homem, que acompanhava os esforços e as lutas daquela gente, pensou que eles bem mereciam um auxílio das autoridades. Foi ao prefeito expor suas ideias e saiu de lá com autorização para formar uma comissão para estudar os melhoramentos que seriam necessários ao bairro.*

*A rua de barro e lama foi substituída por asfalto e calçadas de pedra. Os esgotos a céu aberto foram canalizados e o bairro ganhou ares de cidadania. E tudo começou com um vestido azul.*

*Não era intenção daquele professor consertar toda a rua, nem criar um organismo que socorresse o bairro. Ele fez o que podia, fez a sua parte. Fez o primeiro movimento que acabou fazendo com que outras pessoas se motivassem por melhorias.*

*Será que cada um de nós está fazendo a sua parte no lugar que vive? Ou por acaso somos daqueles que somente apontam os buracos da rua, as crianças à solta sem escola e a violência do trânsito?*

*Lembremos que é difícil mudar o estado total das coisas. Que é difícil limpar toda a rua, mas é fácil varrer a nossa calçada. É complicado mudar o mundo, mas é possível dar um vestido azul.*

# 6.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caro Professor,

O “Livro do Professor” é um legado do Programa de Educação Patrimonial Serra Leste que tem como objetivo assegurar a continuidade das reflexões propostas ao longo dos anos em que estivemos presentes nas localidades de Serra Pelada e Curionópolis.

Durante esse tempo, pudemos escutar a comunidade, realizar ações educativas e, principalmente, conversar a respeito de temas transversais ligados à Cultura, à História e à Memória dos lugares contemplados pelo referido Programa.

Acreditamos que os assuntos apresentados nesta publicação possam vir a ser mais um suporte para que a Escola contribua de maneira efetiva na formação dos alunos, dentro de princípios regidos pelo respeito ao outro, a fim de garantir a formação de cidadãos críticos e participativos, sensíveis às mudanças ocorridas na paisagem e comunidade da qual fazem parte.

Professor, lembramos que este livro não carrega a pretensão de apresentar conceitos fechados, mas sim que as sugestões de atividades se tornem apenas o início da discussão dos temas tratados pela Educação Patrimonial. Gostaríamos que os docentes que tiveram contato com esta publicação se inspirem nos conteúdos para que os temas ultrapassem os muros da Escola e possam chegar a todos os membros da comunidade, conduzidos pelas mãos dos principais interlocutores desse processo, que são os alunos matriculados em sua escola.

Que este livro seja uma pequena janela para vislumbrar um grande horizonte, a fim de que seus alunos possam se reconhecer, respeitar o outro e observar tudo que os cerca com o olhar do garimpeiro, do cientista, do agricultor, do médico, dos homens e mulheres que construíram e ainda construirão um futuro com dignidade para Serra Pelada e Curionópolis.





4.300000

10.000 A  
6.000 A.P

8.000 AP

2.500 AP

1894 DC 1940 E  
1950

1980

1988

1992

# 7.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, M. A. Educação Patrimonial ou a cidade como espaço educativo? **Revista Outro Olhar – revista de Debates**, ano 4, n. 4, 2005.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 3 de outubro de 1988.

BRASIL. Lei 9394 – Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Banco de Dados**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 28 fev. 2016.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Instrução Normativa n. 001**, Brasília, DF. Disponível em <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Instrucao\\_normativa\\_01\\_2015.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Instrucao_normativa_01_2015.pdf)>. Acesso em: 9 out. 2015.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Educação Patrimonial – inventários participativos: manual de aplicação**/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Brasília-DF, 2016. 134 p.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Educação patrimonial: educação, memórias e identidades**. João Pessoa: Iphan, 2013. 108 p.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica: diversidade e inclusão**. Brasília: Conselho Nacional de Educação; Ministério da Educação; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, 2013. 480 p.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Currículo na Perspectiva da Inclusão e da Diversidade: As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica e o Ciclo de Alfabetização**. Brasília: MEC, SEB, 2015. Cads. 1 e 10.

CASCUDO, L. C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Global Editora, 2001.

COSELL, L. ; ESPÍRITO SANTO, F. **Muitas maneiras de viver**. São Paulo: Ed. Positivo, 2008.



DEVEREUX, P. **Arqueologia, o estudo do nosso passado**. 1. ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009. (col. Ciência Ilustrada).

FUNDAÇÃO CASA DA CULTURA DE MARABÁ/VALE. **Relatório da Primeira Etapa do Programa de Educação Patrimonial do Projeto Serra Leste**, Marabá, 2015.

FUNDAÇÃO CASA DA CULTURA DE MARABÁ/VALE. **Revista do Patrimônio Arqueológico de Marabá**, Marabá, 2013.

FUNDAÇÃO CASA DA CULTURA DE MARABÁ/VALE. **Textos da Exposição “Curionópolis e Serra Pelada: recortes de memórias, lembranças de histórias”**. Marabá, 2016.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2008.

GRUNBERG, E. **Manual de Atividades Práticas de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN, 2007. 24 p.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Centauro, 2006.

HORTA, M.L.P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A.Q. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN, 1999.

KOTSCHO, R. **Serra Pelada: uma ferida aberta na selva**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984. 106 p.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990. 462 p.

LÉVI-STRAUSS, C. **Raça e História**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970. (Col. Raça e Ciência I).

MILDER, S.E.S et al. **LEPA apresenta Educação Patrimonial: perspectivas**. Santa Maria: UFSM, 2005. 111.p.

MORAES, A. P. **Educação Patrimonial nas escolas: aprendendo a resgatar o patrimônio cultural**. Disponível em: <[http://www.cereja.org.br/arquivos\\_upload/allana\\_p\\_moraes\\_educ\\_patrimonial.pdf](http://www.cereja.org.br/arquivos_upload/allana_p_moraes_educ_patrimonial.pdf)>. Acesso em: 3 jun. 2016.

NEVES, E. G. **Arqueologia da Amazônia**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2006. 86.p

REIS, J.C. **Teoria & História: tempo histórico, história do pensamento histórico ocidental e pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012. 270 p.

ROSSI, A.V. **Patrimônio cultural: entenda e preserve: guia de atividades de educação patrimonial**. Campinas: Prefeitura Municipal de Campinas; São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 2009. 257 p.

ORIÁ, R. **Educação patrimonial: conhecer para preservar**. Disponível em: <<http://www.aprendebrasil.com.br>>. Acesso em: 12 ago. 2015.

\_\_\_\_\_. **Memória e Ensino de História**. In: BITTENCOURT, C. (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. 5. ed. Editora Contexto, São Paulo, 2001.176 p.





REALIZAÇÃO:



Fundação Casa da Cultura de Marabá



Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-67664-02-6



9 788567 664026